

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Caracterização da Região de Trás-os-Montes em termos de potencial turístico

Dissertação de Mestrado em Sistemas de Informação Geográfica

Luciana Peçanha Meira de Oliveira

Orientador: Professor Doutor José Tadeu Marques Aranha



Vila Real, 2018

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Caracterização da Região de Trás-os-Montes em termos de potencial turístico

Dissertação de Mestrado em Sistemas de Informação Geográfica

Luciana Peçanha Meira de Oliveira

Orientador: Professor Doutor José Tadeu Marques Aranha

Composição do Júri:

Vila Real, 2018

Trabalho expressamente elaborado como dissertação para efeito de obtenção do grau de Mestre em Sistemas de Informação Geográfica, sendo apresentado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, no âmbito do 2º ciclo de formação de Sistemas de Informação Geográfica.

Índice:

Capítulo: I- Introdução

1.1 Apresentação do Tema e Enquadramento.....	8
1.2 Motivação	10
1.3 Objetivos.....	11
1.4 Estrutura da Tese.....	11

Capítulo: II – Revisão Bibliográfica

2.1 Turismo.....	12
2.1.1 Turismo Conceito e Caracterização.....	12
2.1.2 Turismo Gastronômico.....	15
2.1.3 Turismo em Recursos Naturais.....	15
2.1.4 Turismo em Praias Fluviais.....	17
2.1.5 Turismo Religioso.....	18
2.1.6 Turismo Cultural.....	20
2.1.7 Turismo em Arte Rupestre.....	21
2.1.8 Contribuição do Turismo para o desenvolvimento regional.....	22
2.1.9 SIG- Definição e Conceito.....	22
2.2.2 Potencialidade e Aplicação dos SIG no Turismo.....	24
2.2.3 WebSIG – Os SIG na internet.....	25

Capítulo: III – Material e Métodos.....28

Capítulo: IV - Caso de Estudo: Caracterização da região de Trás-os-Montes em termos de Potencial Turístico

4.1 Apresentação e Caracterização do local de estudo.....	29
4.2.1 Enquadramento regional da área de estudo.....	31
4.2.2 Caracterização Topográfica da área de estudo.....	34
4.2.3 Carta de Exposição (Aspect) da região de Trás-os-Montes.....	35
4.2.4 Carta dos Declives (Slope)da região de Trás-os-Montes.....	36
4.2.5 Caracterização da Ocupação do solo da região de Trás-os-Montes- Carta CLC 2012(Corine Land Cover)	37
4.2.6 Áreas Protegidas em Trás-os-Montes.....	39
4.2.7 Principais Rios da região.....	40

Capítulo:V- Apresentação e Discussão dos Resultados

5.1 Caracterização do Turismo temático na região de Trás-os-Montes.....	41
5.1.2 Turismo Gastronômico.....	41
5.1.3 Turismo Religioso.....	43
5.1.4 Turismo em Recursos Naturais.....	45
5.1.5 Turismo em Praias Fluviais.....	47
5.1.6 Turismo Cultural.....	49
5.1.7 Turismo Arqueológico em Arte Rupestre.....	51
5.1.8 Turismo na Terra Quente e na Terra Fria.....	53
5.1.9 Turismo em Centro Interpretativo.....	55
5.1.10 Parques de Campismo.....	57
5.2 Roteiro de Visita a Trás-os-Montes.....	59
5.2.1 Visitar Vila Real.....	61
5.2.2 Disponibilidade de transportes na cidade de Vila Real.....	62
5.3 Desenvolvimento da Estrutura do WebSIG – Sistemas de Informação Geográfica Para Apoio ao Turismo em Trás-os-Montes.....	63
5.3.2 Enquadramento do projeto.....	63

5.3.3 Arquitetura do Sistema.....	63
5.3.4 Desenho da Interface Gráfica.....	65
5.3.5 Informação Disponibilizada.....	66
Capítulo:VI- Conclusão.....	67
Referências Bibliográficas.....	69

Lista de Figuras:

Figura 1 Metas para o Turismo.....	14
Figura 2- Lista dos Produtos Estratégicos.	14
Figura 3 – Enquadramento Geográfico de Trás-os-Montes.	32
Figura 4- Modelo Digital do Terreno de Trás-os-Montes.....	34
Figura 5- Carta de Exposição da Região de Trás-os-Montes.....	35
Figura 6- Carta dos Declives de Trás-os-Montes	36
Figura 7- Carta da CLC da Trás-os-Montes.....	37
Figura 8- Áreas Protegidas de Trás-os-Montes.....	39
Figura 9- Principais Rios de Trás-os-Montes	40
Figura 10- Gastronomia Transmontana.....	42
Figura 11 – Igrejas em Trás-os-Montes	44
Figura 12 – Recursos Naturais	46
Figura 13- Praias Fluviais	48
Figura 14- Locais de Interesse Turístico.....	50
Figura 15 – Arte Rupestre.....	52
Figura 16- Terra Quente e Terra Fria.....	54
Figura 17 – Centros Interpretativos.....	56
Figura 18 – Parque de Campismo.....	58
Figura 19 – Imagem Google Earth – Percurso Físgas.....	59
Figura 20- Imagem Google Earth –Percurso Vila Real	61
Figura 21- Imagem Google Earth- Vila Real	61
Figura 22 – Arquitetura do Sistema	64
Figura 23 – Interface do Sistema.	65

Lista das Tabelas:

Tabela 1 – Distritos e Concelhos.....	33
Tabela 2 – CLC	38
Tabela 3 – Total e Percentual das áreas Protegidas.....	39
Tabela 4 – Divisão de terras em Trás-os-Montes	54

Lista de Siglas:

OMT – Organização Mundial do Turismo

PENT – Plano Nacional para Turismo Estratégico

MDT – Modelo Digital do Terreno

CLC - Corine Land Cover

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível devido a permissão e a bênção de Deus e a contribuição direta e indiretamente de diversas pessoas.

Sinceros agradecimentos:

Aos meus amigos do Brasil: Jefferson, Ethel, Raquel, Priscila e Gabriela que embarcaram comigo nessa longa jornada, e que mesmo distantes, estiveram presentes em todos os momentos. A dra. Eliane Motta, que durante algum tempo me preparou para realização deste sonho. A minha tia e madrinha Eliane, por todo carinho, preocupação, atenção e presença, mesmo que remota.

Aos meus amigos que conheci em Vila Real, Rita e Enoque que foram muito importantes para mim durante essa jornada. Gratidão pelo carinho e amizade.

Muita gratidão, ao meu orientador, Professor Doutor José Tadeu Marques Aranha, pela recepção, paciência, orientação e dedicação. Que Deus sempre o abençoe.

Ao corpo docente do curso de mestrado em Sistemas de Informação Geográfica, pela paciência e dedicação prestada durante todo o curso.

Um agradecimento especial, para minha doce e linda mãe-avó, Noêmia Maria de Aragão (*In Memoriam*), por todo amor incondicional e exclusivo, ternura, carinho, paciência, dedicação, humildade, princípios e caráter que me transmitiu durante todo o tempo em que estivemos juntas. Dedico a senhora mais essa conquista.

Para sempre, seremos dois corações e uma vida.

Resumo:

Nota introdutória: Este texto está escrito em Português do Brasil, uma vez que a autora é Brasileira e fez todo seu percurso acadêmico no Brasil.

O presente trabalho tem como objetivo principal a caracterização da Região de Trás-os-Montes em termos de potencial turístico.

Para mostrar esses recursos devidamente mapeados, detalhados e com uma localização precisa e georeferenciada, foi utilizada plataforma ArcGis 10.5, que permite criar projetos em Sistemas de Informação Geográfica bem como o Google Earth, que é um sistema aberto e livre que permite procurar locais e visualizar sobre ortofotomapas.

O Projeto “Caracterização da Região de Trás-os-Montes em termos de Potencial Turístico”, tem como objetivo caracterizar, catalogar e divulgar os pontos turísticos da região, sendo esses em recursos naturais, monumentos históricos, artes rupestres, praias fluviais, rios, gastronomia, religião entre outros, que agregam e potencializam a região em termos turísticos.

Foi feito um mapa da região de Trás-os-Montes e, a partir do mapa, foram identificados todos os lugares (sítios) e seus respectivos pontos turísticos, que muitas vezes, não são divulgados, em toda a região.

O que se pretende com esse trabalho é georeferenciar e mostrar em mapas, todos os pontos de interesses turísticos na região de Trás-os-Montes.

Desta forma, fica criada a base de trabalho em ambiente SIG que pode ser instalada num posto de turismo e usada pelos turistas para criar os seus próprios percursos turísticos e também para ter conhecimento da região. Também será criada a estrutura de uma plataforma WebSIG que permitirá, o acesso remoto a informação disponibilizada em Sistemas de Informação Geográfica.

Palavra-Chave: Sistemas de Informação Geográfica (SIG), Caracterização Turística, Trás-os-Montes.

Abstract

Introductory Note: This text is written in Brazilian Portuguese, since the author is Brazilian and has made all her academic career in Brazil.

The present work has as main objective the characterization of the Trás-os-Montes Region in terms of tourism potential.

In order to show these resources properly mapped, detailed and with a precise location and georeferenced, was used platform ArcGis 10.5, that allows to create projects in Geographic Information Systems as well as Google Earth, that is an open and free system that allows to look for places and to visualize about orthophotomaps.

The project "Characterization of the Trás-os-Montes Region in terms of Tourist Potential", aims to characterize, catalog and disseminate the region's tourist attractions, such as natural resources, historical monuments, rock art, river beaches, gastronomy, religion, among others, that add and enhance the region in terms of tourism.

A map of the region of Trás-os-Montes was made and from the map, all places (places) and their respective tourist points were identified, which are often not divulged, throughout the region.

The aim of this work is to georeference and show on maps, all points of tourist interest in the region of Trás-os-Montes.

In this way, the work base is created in a GIS environment that can be installed in a tourist office and used by tourists to create their own tourist routes and also to have knowledge of the region. The structure of a WebSIG platform will also be created, which will allow remote access to information made available in Geographic Information Systems.

Key words: Geographic Information Systems (GIS), Tourism Characterization, Trásos Montes and Alto Douro.

Capítulo I – Introdução:

1.1. Apresentação do tema e enquadramento:

O turismo é uma atividade muito importante para o desenvolvimento econômico de uma cidade e um país. E cada vez mais, vem ganhando mais espaço tanto no meio urbano quanto no meio rural.

O investimento no turismo, gera valores representativos na economia e também é uma grande fonte de trabalho e renda para a população residente, principalmente em cidades já caracterizadas como cidades turísticas. Há cidades em que seu capital econômico depende e gira em torno do turismo, quase 50%.

O turismo na região norte de Portugal, está ligado ao Rio Douro. O passeio de barco no imenso rio, que nasce na Espanha e atravessa o norte de Portugal, é conhecido mundialmente, e no verão a cidade do Porto recebe imensos turistas de várias nacionalidades, assim como, nacionais. Uma das consequências positivas do turismo é a geração de trabalho em diversas áreas na região e isso tem um valor significativo na economia do país.

Os portugueses em geral, investem mais no turismo “sol e mar”, pois as praias do sul do país são muito bem avaliadas e freqüentadas durante o verão. A região, acarretada, uma grande importância na economia, pois recebe turistas de diversas nacionalidades, assim como, nacionais. E muitos turistas estrangeiros, possuem propriedades na região. Assim, como no norte, o ponto positivo, é a geração de trabalhos em diversas áreas.

A região de Trás-os-Montes que também fica no norte de Portugal, possui um grande potencial turístico, mas não muito explorado, conhecido e divulgado no país e no mundo, como Lisboa, Porto e Algarve.

O Brasil, assim como, Portugal, investe muito no turismo, e cada região contribui com as suas características naturais. Contribui explorando o que há de melhor nas regiões.

Por exemplo: Localizada na região sudeste do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, investe no turismo “sol mar e serra”, nos monumentos mundialmente conhecidos e nas montanhas. A geografia da cidade proporciona diferentes temperaturas, climas e cenários aos turistas.

Já na região nordeste, o turismo é mais caracterizado pelas praias, lagoas naturais, salinas e passeios em dunas, culinária regional e produtos artesanais.

O setor do turismo vem crescendo muito mundialmente, pois todos os países estão investindo nessa área, explorando e divulgando o seu melhor para fortalecer a sua economia.

Além do turismo tradicional, baseado em monumentos, cidades históricas e praias, o turismo associado aos recursos naturais vem sendo muito explorado e ganhando cada vez mais recursos, investimentos e público. Outra modalidade de turismo que surgiu e vem ganhando também cada vez mais público e investimento é o turismo rural, que é relacionado com turismo em recursos naturais.

O turismo está inovando e tornando-se cada vez mais diversificado, conseguindo, atrair, servir e atender todo tipo de turista.

Para caracterizar e mapear o potencial turístico da região de Trás-os-Montes, foi utilizado o recurso tecnológico Sistemas de Informação Geográfica (SIG), cujo potencial muito significativo, pois possui ferramentas valiosas para a gestão, análise de dados e construção de mapas.

1.2. Motivação:

Este trabalho é inovador, pois ainda não existe nada executado a este nível ou seja, apresentação de informações turísticas da região de Trás-os-Montes, mapeadas e armazenadas, em uma única plataforma.

E também, esse trabalho serve para mostrar e promover o nordeste de Portugal, Trás-os-Montes.

Foi utilizado um Sistema de Informação Geográfica (SIG) para fazer esse mapeamento, registrar toda a caracterização e permitir a análise de todos os aspectos turísticos existentes da região.

Com o Google Earth, foi possível obter a localização geográfica, marcar os percursos e, assim poder fazer a georreferenciação e desenvolver os mapas, na ferramenta específica utilizada para Sistemas de Informação Geográfica, o ArcGIS.

Com esse trabalho pretende-se desenvolver uma plataforma de Sistemas de Informação Geográfica na web, que possibilite o desenvolvimento de roteiros e atividades turísticas na região.

1.3. Objetivos:

O objetivo desta dissertação é georreferenciar, mapear e desenvolver uma estrutura de um projeto SIG, a nível que permita reunir, de forma estruturada e temática, toda a informação relativa aos pontos turísticos da região de Trás-os-Montes. Esse trabalho visa a promoção do turismo na região. Posteriormente será criado um WebSig.

Esse trabalho foi desenvolvido, a partir de pesquisas nos Centros Interpretativos, Postos de Turismo das cidades e pesquisas na web. A partir desses recursos, pudemos desenvolver este projeto, mostrando “o que há e o que fazer em Trás-os-Montes”. As informações mapeadas e georreferenciadas neste trabalho, estão reunidas, ou seja, engloba a região de Trás-os-Montes, e não somente um concelho da região, como visto em pesquisas.

Nesse trabalho, por exemplo, o turista pode ter a informação completa, listando por temas o que deseja conhecer, e assim, será mostrado toda a informação referente a temática escolhida, de toda a região de Trás-os-Montes.

Foi também, acrescentado nesse trabalho, lugares turísticos que não estão listados nos pontos turísticos dos concelhos e freguesias.

1.4. Estrutura da tese

O presente trabalho encontra se organizado em cinco capítulos:

Capítulo I -Introdução, enquadramento da temática, motivação, objetivo e estrutura da tese.

Capítulo II –Revisão bibliográfica. Caracterização do Conceito de Turismo. Apresentação da tecnologia de Sistemas de Informação Geográfica e das ferramentas usadas.

Capítulo III –Material e Métodos

Capítulo IV – Apresentação e caracterização da área de estudo

Capítulo V – Apresentação de resultados obtidos durante a pesquisa no desenvolvimento do projeto na região.

Capítulo VI – Apresentação das conclusões e reflexões finais e trabalhos futuros.*Capítulo VII* –Bibliografia

Capítulo II – Revisão Bibliográfica

2.1. Turismo

2.1.1 Turismo: Conceito e caracterização

Para a Organização Mundial de Turismo (OMT), “O Turismo pode ser definido pelas atividades desenvolvidas pelas pessoas durante uma viagem ou estadias fora de sua residência habitual, utilizando meios de alojamentos coletivos ou particulares, por um período de tempo consecutivo superior a um dia e que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, de negócios e outros, desde que não exista remuneração no local do destino.” (Umbelino, 2005)

O turismo é uma ação que possibilita conhecer lugares de várias formas, possibilitando assim, o lazer, recreação e passeios nesses lugares.

A indústria do turismo é uma das principais e mais dinâmicas atividades econômicas a nível mundial. Segundo a OMT, “O turismo mundial cresceu 3,9%, foi o sétimo ano consecutivo de crescimento no setor turístico. No total, foram 1,2 mil milhões de turistas em todo o mundo, mais 46 milhões que em 2015 – visitantes que pernoitam, pelo menos, uma noite. O turismo tem mostrado uma resiliência muito grande, atendendo aos mais recentes acontecimentos a nível social e económico e contribuem para a criação de emprego e para o bem-estar das comunidades em todo o mundo”. (Ângelo Delgado, 2011)

Além do forte crescimento, o turismo vem diversificando e explorando, cada vez mais, os recursos endógenos de cada lugar.

“O turismo é uma atividade económica e também social. Economicamente está relacionada às condições geográficas. Depende das características da paisagem natural (condições ambientais, como o clima, a vegetação, formas de relevo e hidrografia ou proximidade do oceano) e cultural (paisagem arquitetónica, museus, eventos culturais, estrutura do comércio e eventos económicos como feiras comerciais, conferências internacionais, etc.). Sendo assim, as atividades económicas relacionadas ao turismo incorporam o espaço geográfico pelo seu valor paisagístico, para transformá-lo em um espaço de consumo. A paisagem é o primeiro contato do turista e é importante que ela produza uma sensação favorável, atraente e harmoniosa.” “Portugal é um país que está investindo muito no turismo e em todo o seu território. Segundo a OMT, na conferência de Turismo Sustentável 2017, Portugal é um pilar de crescimento socioeconómico, por promover e proteger a herança cultural e natural. Além de gerar empregos e novas oportunidades para todas as regiões do país. O turismo se tornou um dos principais setores que estão contribuindo para

alavancar economia portuguesa(Taleb Rifai); (I Conferência GPA'17-Turismo Sustentável, Green Project Awards

O investimento no turismo e promoção do país, reflete diretamente na economia. O Turismo já representa 7% do Produto Interno Bruto e pesa cada vez mais na economia portuguesa. A promoção do país, e a questão da segurança, que afastaram os visitantes de outras áreas geográficas da Europa, contribuíram muito para a elevação do Turismo em Portugal (Catia Simões, 2016). Portugal, a nível mundial ocupa o 14º lugar como país mais competitivo do mundo no setor de turismo (Abilio Teixeira, 2017).

Em 2016, segundo os dados do INE (Instituto Nacional de Estatística), houve mais de 8,5 milhões de turistas nas cidades portuguesas, algo nunca visto antes. Por regiões, foram observados um aumento nas dormidas na região norte, com 15,1%, nos Açores (+14,1%) e no Alentejo (+14%). Já Lisboa e Algarve foram as regiões que tiveram um crescimento mais moderado, de (4,8%) e (8,9%) (Sara Antunes, 2016).

Desde a década de 60, Portugal centrou num único produto, o tradicional “Sol e Mar”, mas, atualmente tem procurado diversificar a oferta turística, para combater a dependência do turismo “Sol e Mar” e harmonizar o aproveitamento do espaço do território português (Daniel, Ana Cristina Marques, 2010).

Nos últimos anos, além do crescimento no turismo tradicional “Sol e Mar” e “Monumentos históricos”, o turismo rural e em recursos naturais, ou seja, voltados para o meio ambiente, vem tendo um crescimento representativo no setor, não só em Portugal, mas em diversos países do mundo.

Como Portugal está investindo no turismo em todo o território, muitas regiões estão mostrando o seu potencial turístico, com seus recursos endógenos, e vem assim, ganhando notoriedade.

O Plano Estratégico Nacional para o Turismo (PENT), propôs algumas metas para o turismo 2017-2020 em Portugal.



Figura1: Metas para o turismo - (PENT, 2017-2020)



Figura2: Lista dos produtos estratégicos Ativos (PENT, 2017-2020)

De acordo com o novo PENT essas são as metas para o turismo continuar a crescer em Portugal, e assim, gerar mais receita positiva no país, durante esses três anos.

2.1.2. Turismo Gastronômico

“Cozinhar é o mais privado e arriscado ato. No alimento se coloca ternura e ódio. Na panela se verte o tempero ou o veneno. Cozinhar não é serviço. Cozinhar é um modo de amar os outros” (Mia Couto, sd; Maria Araújo, 2014).

A Gastronomia constitui-se como importante atrativo turístico-cultural de um local, região ou país. Portugal está identificado como um dos melhores destinos de Gastronomia e Vinhos da Europa, e isso, está contido no seu Plano Estratégico Nacional de Turismo (2006-2015). Gastronomia e Vinhos é considerado um produto turístico a valorizar. A gastronomia é uma forma de valorizar e autenticar o local ou a região, promovendo a sua identificação de forma gastronômica.

A gastronomia de um destino tem como particularidade não só a divulgação da gastronomia local/regional, mas também “reflete a identidade e a memória da comunidade e a sua valorização resulta na preservação e divulgação da comunidade como um todo” (Grechinsk& Cardozo, 2008, p. 366).

Geralmente, a gastronomia, está vinculada a sua história, ou seja, é uma herança de costumes e cultura deixada pelos antepassados que viveram naquela região.

As receitas tradicionais despertam não só o paladar mas sobretudo a memória e a afetividade, sendo que “a maior parte das nossas memórias não é objetiva, é modelada pela carga emocional e pelo efeito do tempo”(Gameiro, 2014, p. 17).

Mas, o turismo gastronômico é uma atividade que serve para impulsionar o desenvolvimento econômico de uma região ou local. A dimensão social e cultural da gastronomia determinou incorporá-la ao complexo emaranhado das políticas de patrimônio cultural. O uso que o turismo faz desse patrimônio vem determinando que a gastronomia adquira cada vez maior importância para promover um destino e para captar correntes turísticas (Scluter, 2003, p. 69). O Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) definiu, em 2010, a Gastronomia e Vinhos como um dos dez produtos estratégicos nos quais deveriam assentar as políticas de desenvolvimento e capacitação da oferta turística do país, produtos estes selecionados em função da sua quota de mercado e potencial de crescimento, e da aptidão e potencial competitivos de Portugal. Decorrente da necessidade de adaptação do PENT inicial às mudanças governamentais e às alterações econômico-financeiras entretanto ocorridas, foram aprovadas as linhas gerais da revisão deste plano no horizonte de 2015 (PENT, 2012). Esta proposta considera a “Gastronomia e Vinhos” como um produto complementar da experiência turística em todas as regiões do país “que valoriza e enriquece a oferta e corresponde à satisfação de uma motivação secundária de viagem”, que se pretende estimular através da aplicação da marca/conceito “Prove Portugal”(Araújo, 2014).

2.1.3. Turismo em Recursos Naturais

O conceito de desenvolvimento sustentável e do turismo sustentável é intimamente ligado à conservação dos recursos naturais que pode garantir a exploração sem

deteriorar os recursos naturais renovando-os, ao mesmo tempo em que vão sendo utilizados satisfazendo a necessidade do momento, sem comprometer a capacidade para atender futuras gerações (Turatti p.51, 2002).

O meio ambiente e seus recursos naturais é de elevada importância, e por isso a sua conservação é necessária para a sobrevivência de todos. Com os meios urbanos cada vez mais populosos, o turismo na natureza está ganhando cada vez mais espaço, em função da tranquilidade, do bem-estar e do contato com a natureza.

Sendo assim, o Turismo de Natureza é uma vertente do turismo cuja procura é cada vez maior, tanto no contexto nacional, como internacional. Os espaços naturais como destinos turísticos, fazem de Portugal um destino privilegiado para a prática de turismo de natureza. A diversidade de áreas protegidas, encontram-se por todo o território português (Carvalho, 2010). Cerca de 21% do território português é formado por áreas classificadas com fortes valores naturais e de biodiversidade a nível da fauna, flora e da qualidade paisagística e ambiental, dispondo de uma oferta de atividades de animação turística ajustadas aos diferentes segmentos do Turismo de Natureza. (Turismo de Portugal, I.P) O turismo em recursos naturais deve valorizar o meio ambiente, preservando os seus recursos naturais e culturais, e ao mesmo tempo equilibrar com as atividades económicas e com o desenvolvimento do território. Cabe os lugares com potencialidades de desenvolvimento turísticos, valorizarem os seus recursos naturais e criar eventos turísticos (Dolores Valentim, 2012).

O desenvolvimento turístico nos últimos anos tem como alicerce os princípios de qualidade, diferenciação e diversificação. A qualidade e o bem-estar passou a ser mais valorizada do que o preço. A criação de oportunidades surge com a diferenciação e diversificação dos produtos, e estes devem ir ao encontro as distintas motivações da procura do turista (Turismo de Portugal, 2007).

A região de Trás-os-Montes tem um grande potencial para o turismo na natureza, pois possui zonas protegidas, biodiversidade e lindas paisagens para serem exploradas pelos turistas que tem a finalidade de apreciar os recursos naturais na região.

Uma outra vertente do turismo na natureza, é a população local. Uma das finalidades do turismo na natureza é proporcionar diretamente rendimentos económicos para os residentes locais.

Tem que sempre haver um equilíbrio entre o homem e a natureza, pois o turismo na natureza, tem que ter a preocupação de atender não só os anseios dos turistas, mas também, garantir a preservação do meio ambiente e ter atitudes ecologicamente corretas (Rita Ramos, 2013).

2.1.4. Turismo em Praias Fluviais:

O turismo em algumas regiões do interior do país, onde a maioria são áreas rurais, é uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento econômico do local. Utilizando os seus recursos endógenos, as áreas rurais estão se destacando e ganhando notoriedade e desenvolvimento com o turismo. As praias fluviais fazem parte de um dos recursos endógenos e de atração turística dessas regiões.

As praias fluviais são diferentes das oceânicas, são banhadas pelas águas dos rios ou pelas albufeiras. Geralmente nas regiões do interior do país, são onde se concentram o maior número de praias fluviais, em função também da quantidade dos rios que há nas regiões. As praias fluviais que tem o símbolo da Bandeira Azul, significam que possuem qualidade ambiental e que cumprem os quatro critérios estipulados do Programa Bandeira Azul, são eles: Informação e Educação Ambiental, Qualidade da Água, Gestão Ambiental e Equipamentos, Segurança e Serviços.

As praias fluviais, não eram consideradas um produto estratégico turístico na região do interior, mas após os critérios dos produtos propostos pela PENT para o desenvolvimento turístico em regiões interiores, são eles: Touring Cultural e Paisagístico, Turismo de Natureza e Gastronomia e Vinhos, surge a oportunidade de potencializar outros pequenos segmentos específicos, no caso as praias fluviais, que sozinhas não tem capacidade competitiva no turismo, mas associada ao desenvolvimento destes três produtos estratégicos torna-se um grande investimento de potencial turístico. As praias fluviais podem assim ser consideradas, principalmente nas regiões interiores e áreas rurais, um segmento específico do mercado turístico, que alia turismo balnear aos três produtos citados anteriormente (Goldstein, 2011).

Para maior segurança da população e em defesa da natureza e da preservação do meio ambiente, foi determinado através do Quadro Comunitário de Apoio (QCA II, de 1994 a 1999) do Programa Operacional do Ambiente (POA), que deveria proceder a um levantamento dos recursos hídricos existentes e garantir na origem a fiabilidade e qualidade da água para abastecimento. Nas medidas designadas no POA por “conservação e valorização do património natural e melhoria da qualidade ambiental” foi contemplado a “regularização e ordenamento de linhas de água e de outras áreas naturais” onde projetos de construção e valorização de praias fluviais e recuperação, regularização e ordenamento de margens de rios e ribeiras foram aprovados. Os investimentos feitos na proteção dos recursos hídricos melhoraram a qualidade dos cursos de água portugueses, permitindo assim valorizar as suas margens para uso balnear. O desenvolvimento de praias fluviais foi então feito, através da criação de uma infraestrutura completa para atender os banhistas. No Quadro seguinte, o QCA III (2000 – 2006) foi proporcionado, através do Programa Operacional do Centro, financiamento do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) para a valorização das praias fluviais. (Goldstein, 2011).

2.1.5. Turismo Religioso

“Não tenho ouro nem prata, mas trago comigo o mais valioso: Jesus Cristo.”

(Papa Francisco)

O Turismo Religioso não é, necessariamente, um Turismo feito por religiosos e devotos de qualquer crença ou confissão religiosa. Trata-se de um fazer turístico capaz de manifestar algum dado de religiosidade (Oliveira, 2006).

O objetivo do turismo religioso é visitar locais religiosos e participar dos rituais religiosos referentes a cada religião.

O Turismo Religioso abrange todo tipo de viagens em que o indivíduo é motivado pela religião e onde o destino é um local religioso (Ray e Morpeht, 2007).

Quase desde o início da história o ser humano desloca-se a locais sagrados. No período Bíblico centros religiosos de alto-relevo tornaram-se, não só parte da paisagem cultural, como também, fizeram parte do desenvolvimento econômico da cidade, onde se localizavam os centros religiosos. Hoje, cidades como Jerusalém, Roma, Fátima e Meca continuam a atrair milhões de visitantes anualmente. As deslocções de pessoas por motivos religiosos ocorrem desde as primeiras peregrinações. A religião foi, desde sempre, o motor espiritual de todas as civilizações e nenhuma civilização histórica se desenvolveu fora de uma religião (Cunha, 2003).

De acordo com a cultura dos países a religião exerce muito controle sobre os indivíduos. A religião é uma parte vital e dinâmica das culturas, que exerce um poderoso controlo sobre o comportamento e atitudes dos indivíduos (Park, 1994).

A peregrinação religiosa iniciou-se na Síria, Egito e Belém quando os fiéis começaram a deslocar-se para visitar Conventos e Mosteiros com o objetivo de fazer orações, bênçãos e pedir conselhos aos “servos de Deus”. No entanto, iniciou-se também uma sucessão de visitas a Igrejas e Santuários onde se encontravam “restos mortais de mártires célebres” assim como visitas a “locais por onde Cristo, seus apóstolos e discípulos passaram, viveram e morreram, além de outros lugares celebrizados por eventos importantes do Antigo Testamento” (Turismo Religioso, 2009).

Portugal é um país que possui um vasto Património Arquitetónico e onde cerca de 75% do património edificado é de origem religiosa (RHTurismo, 2010). O Turismo Religioso em Portugal é um Produto Turístico que tem várias potencialidades. O principal local de destino religioso pelos peregrinos em Portugal é o Santuário de Fátima, localizado em Fátima, mas por todo o país, existem templos religiosos.

O Turismo Religioso, assim como os outros tipos de turismo, influencia diretamente no desenvolvimento local e na população. Gerando fonte de renda para a população, melhoria na qualidade de vida e valorizaçãodo património cultural.

As características do Turismo Religioso são a multifuncionalidade das deslocações e a sobreposição das motivações dos turistas-peregrinos. Tem de haver espaços religiosos e também património cultural-religioso, porque são os principais recursos turísticos que têm de ser potencializados (Vieira, 2001).

A Fé é a principal motivação religiosa e faz com as pessoas façam longas peregrinações em busca de respostas ou em agradecimento de uma bênção atendida ou recebida. Muitas pessoas, como forma de “pagar a promessa” depois da graça recebida, fazem sacrifícios, como por exemplo: De andar de joelhos em Fátima, Percorrer o Caminho de Santiago de Compostela, subir de joelhos as escadarias da igreja da Penha (Igreja que fica no Rio de Janeiro-Brasil) que possui mais de 300 degraus. Mas, todo esse movimentose resume a Fé. Porque, a “Fé move montanhas” (I Coríntios 13:2, Bíblia) .

A região de Trás-os-Montes, em termos de turismo religioso, tem muito a oferecer. A região possui muitas igrejas e tradições religiosas. A igreja de Nossa Senhora da Pena é uma das mais importantes e possui a maior romaria da região. Um dos destaques da romaria é o seu Andor, que é o maior do mundo. A procissão atrai muitos turistas tanto nacionais e estrangeiros. Outra igreja em destaque no turismo religioso na região, é a Igreja do Bom Jesus do Calvário, que é padroeiro da cidade de Vila Real. A sua procissão também é seguida por muitos peregrinos.

Além das igrejas, os Caminhos de Santiago de Compostela Interior, também é de grande importância para o turismo religioso na região de Trás-os-Montes. Os Caminhos de Santiago de Campostela pelo interior tem ganhado muito destaque, e tem sido muito procurado e percorrido pelos turistas religiosos. E isto, consequentemente, implica positivamente, na economia da região, nas áreas de restauração e hospedagem.

Apesar do Turismo Religioso ser visto a nível internacional como um foco de desenvolvimento, o PENT (Plano Estratégico Nacional do turismo) não o considerava como sendo um produto estratégico. Com a revisão do PENT, em 2013, o Turismo Religioso passou a ser um “produto estratégico” no âmbito do novo Plano Nacional de Turismo.

“A afirmação do Turismo Religioso como produto estratégico, em Portugal, constitui o reconhecimento de vários fatores que integram este produto: a diversidade do património cultural religioso, material e imaterial, cuja importância é evidente no âmbito da nossa identidade portuguesa, evidente na sua expressão quantitativa e qualitativa; o reconhecimento da importância das peregrinações, num país rico de santuários, cuja visibilidade maior, pela sua natureza e movimento registado, é o Santuário de Fátima; e a diversificação de ofertas turísticas, que contemplam outros interesses por parte dos visitantes, como são a sua expressão de fé, seja ela a razão exclusiva para a sua visita a Portugal, ou de deslocação no interior do País, enquanto procura dos centros de peregrinação ou de vivência espiritual, ou vivida em simultâneo com outras atividades de carácter lúdico, recreativo, ou cultural. Reconhecimento a que acresce, ainda, a possibilidade de uma exposição mais criteriosa do património religioso, por parte de quem o procura na perspetiva do seu enriquecimento cultural” (Pe. Carlos Alberto da Graça Godinho, 2013).

2.1.6 Turismo Cultural

A cultura é um conjunto de valores, crenças, costumes, hábitos e fatores históricos materiais e imateriais que permeiam, de forma dinâmica, a vida social. Ou seja, a cultura é construída ao longo de processos históricos e materiais de um povo, através de suas inter-relações e modos de vida (Laraia,1997). A cultura é a identidade de um lugar, pois retrata os seus costumes, crenças e história.

O Turismo Cultural é o movimento das pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudo, teatralizações e excursões culturais, viagens para festivais e outros eventos culturais, visitas a localidades e monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações (OMT, 2004).

A Europa é detentora de um riquíssimo Património Cultural, sendo que este representa um dos mais antigos recursos geradores de turismo. O Turismo Cultural, segundo dados da União Europeia, é actualmente, por toda a Europa um agente importante da economia, desempenhando ainda um papel fundamental na mudança social e empresarial que o velho continente tem vindo a viver (Richards, 2005). Sendo assim, o mercado do Turismo Cultural, tornou-se muito competitivo. As cidades e regiões estão sempre a desenvolver estratégias, promovendo o seu património cultural e suas tradições para assim atrair mais turistas. A busca pelo passado, a contemplação das estruturas antigas e a compreensão dos mecanismos que as produziram são, em boa verdade, uma parte importante na definição de turismo cultural e o motor desta nova economia das cidades (Williams, 1998; Urry, 1990).

O turismo cultural é baseado em Patrimônios. O patrimônio, no Turismo cultural, pode ser material ou imaterial. O patrimônio material consagrado à cultura, foi realizado através da mão humana, e pode ser visitado em cidades e vilas, monumentos, edifícios religiosos ou militares, museus locais arqueológicos ou pré-históricos. O patrimônio imaterial diz respeito às festas e às manifestações de tradições e ao saber fazer (Cluzeau, 1998).

Em todo o caso, o turismo cultural não se pratica num campo geográfico especificamente próprio. Ele pode ser praticado no campo, na praia, nas montanhas, mas é nas cidades onde ele se torna mais denso (Cluzeau, 1998).

O turismo cultural está disponível como uma opção de desenvolvimento para todos os destinos porque todos os lugares possuem cultura (Richards,2007).

Em Trás-os-Montes, a lingua Mirandesa é um dos exemplos da valorização e promoção da cultura da região, do concelho de Miranda do Douro.

2.1.7 Turismo Arqueológico em Arte Rupestre.

O Turismo Cultural, abrange “todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana e esse aspecto pode ser a história, o cotidiano, o artesanato” (Barreto, 2000, p.16). Já o Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo constitui-se a partir da associação entre o Turismo e a Arqueologia. Seus atrativos turísticos são compostos por vestígios arqueológicos, ou seja, toda representação e “indícios da presença ou atividade humana” segundo remanescentes em sítios arqueológicos pré-históricos e/ou históricos (Prous, 1992, p.25).

A arqueologia estuda os “sistemas socioculturais, sua estrutura, funcionamento e transformação no decorrer do tempo” através de uma “leitura particular, pois seu texto não é composto de palavras, mas de objetos concretos, em geral mutilados e deslocados do seu local de utilização original” (Funari, 1988, p.22). Ela possibilita “desenvolver elos entre presente e passado, fortalecendo-os mutuamente e trazendo ensinamentos sobre a experiência humana como um todo” (Little 2002 apud Robrahn-González, 2006, p. 66).

Dentre os estudos da arqueologia destaca-se a Arte Rupestre. A Arte Rupestre é “um documento único, porque nos abre caminho para entender a ideologia dos grupos, formando parte de algo mais amplo que é o subsistema simbólico de uma sociedade” e, portanto, “a arte rupestre não é somente símbolo, senão uma série de atitudes, de práticas sociais que estão por trás dos símbolos”, que atualmente nos permite “recuperar boa parte da variabilidade cultural e as mudanças que se produziram no passado” (Aschero, 2003; Bellelli & Scheinsohn, 2004). O Parque Arqueológico do Vale do Côa, é um grande exemplo, de onde se encontrar estes vestígios e práticas sociais e cultural do passado.

A Arte Rupestre pode ser representada por gravuras (petróglifos – entalhados na rocha) ou por pinturas (pictografias), as quais aparecem nas cores vermelhas, brancas e pretas. A variedade de motivos pintados e gravados é enorme e podem ser encontradas “na superfície rochosa de grutas, de abrigos, de pedras isoladas ou agrupadas em campo aberto” (Kneip&Pallestrini, 1991, p.45).

O Arqueoturismo é uma atividade turística que está se destacando cada vez mais no setor de turismo. O Arqueoturismo nos últimos 25 anos tem se destacado como uma importante atividade mundial, onde governos, organizações locais e empresários se mantêm ocupados na identificação, categorização, produção e desenvolvimento de recursos do passado para o consumo turístico” Mortensen (2001, p.112).

2.1.8. Contribuição do Turismo para o desenvolvimento regional.

A região de Trás-os-Montes é uma região que tem um grande potencial turístico, a nível de património cultural, histórico, natural e gastronómico. Com seus recursos endógenos, a região tem condições de proporcionar roteiros turísticos diversificados aos seus visitantes. No entanto, como acontece em muitas regiões rurais, a atividade económica tradicional é a agricultura. Com o declínio da mesma, verificou-se o despovoamento da região (Lima, 2007).

O turismo por ser uma atividade dinâmica auxilia no desenvolvimento económico das regiões rurais, assim promove fonte de renda para a população local, gerando criação de empregos na região, e consequentemente, evita o despovoamento.

Os recursos não materiais que são presentes nesse território, no caso o rural, tais como a paisagem, bens ambientais e de usufruto da natureza, segurança, tranquilidade, tradições, eleva-os a “espaços de desejo”. Esses recursos são altamente alvo de uma procura crescente pela sociedade, nomeadamente a classe média-alta (Lima, 2007); (Bessa, 2015). Em consequência do “espaço de desejo”, o turismo na natureza, que se encontra nas áreas rurais, vem crescendo nos últimos anos.

Investir no turismo utilizando os recursos endógenos é um grande aliado no desenvolvimento da economia nas zonas rurais.

2.2.1 SIG – Definição e conceito

O termo geoprocessamento surgiu com a introdução dos conceitos de manipulação de dados espaciais georreferenciados dentro de sistemas computadorizados, através das ferramentas denominadas Sistemas de Informações Geográficas - SIG's, (Ortiz, 1993).

Um SIG é constituído por um conjunto de "ferramentas" especializadas em adquirir, armazenar, recuperar, transformar e emitir informações espaciais. Esses dados geográficos descrevem objetos do mundo real em termos de posicionamento, com relação a um sistema de coordenadas. Portanto, um SIG pode ser utilizado em estudos relativos ao meio ambiente e recursos naturais, na pesquisa da previsão de determinados fenómenos ou no apoio a decisões de planeamento, considerando a concepção de que os dados armazenados representam um modelo do mundo real (Burrough, 1986).

Os Sistemas de Informação Geográfica são um conjunto de ferramentas para recolher, armazenar, manipular, recuperar, mapear, analisar, transformar a informação e exibir dados espaciais e não espaciais do mundo geográfico para um determinado conjunto de propósitos que varia para cada disciplina (Chang e Canedy, 2011; Bessa, 2015).

Um SIG pode, ainda, ser definido como um sistema de quatro grupos para manusear dados georreferenciados: entrada, gerenciamento, manipulação e análise, e saída. Os dados são georreferenciados quando estes possuem basicamente duas características: dimensão física e localização espacial (Aronoff, 1989).

Os Sistemas de Informação Geográfica (SIG) consistem em um conjunto de equipamentos e tecnologia que são utilizados para criar mapas com os dados georreferenciados.

Um SIG é composto de: Sensoriamento Remoto, GPS e Geoprocessamento. Essas três tecnologias, dão origem na criação de um projeto de Sistema de Informação Geográfica. Os dados para a criação de um SIG, adquiridos, através da tecnologia de sensoriamento remoto, consistem no uso de ferramentas, como imagens de satélites, fotografias aéreas e radares sobre o terreno no qual se deseja mapear. Através dessa técnica obtém a informação do objeto sem entrar em contato físico com ele. Já os dados adquiridos através da tecnologia GPS, consistem na utilização de equipamentos que captem e identifiquem o objeto de acordo com a sua posição geográfica, latitude e longitude.

Geoprocessamento: É o tratamento dos dados (imagens de satélite, modelos numéricos de terreno, redes e dados tabulares) obtidos através do sensoriamento remoto, do GPS, ou do Google Earth. A partir dos dados obtidos, é possível produzir os mapas, cartogramas, gráficos, utilizando software específico para manipulação dos dados (Almeida, sd). Os dados obtidos são armazenados em uma base de dados geográfica. E essa representação da informação em SIG é feita em dois modelos distintos: Vetorial e Matricial (Raster).

No modelo vetorial são utilizados três construtores básicos: o ponto, a linha e o polígono. As coordenadas x e y (para objetos tridimensionais z) de um ponto correspondem à localização, em um sistema de coordenadas específico (Tomlin, 1990; Heywood, 2002).

Pontos: Representam localizações dos objetos. São pares de coordenadas (x,y)

Linhas: Representam objetos lineares (Rios e estradas). São sequências de pares de coordenadas (x_i, y_i)

Polígonos: Identificam objetos de áreas, representadas por linhas que delimitam a área.

No modelo raster os dados são formados por uma matriz de pixels (células), cada uma contém um valor que representa uma condição da área coberta por essa célula. A área em questão é dividida em uma grade regular de células, normalmente quadradas ou retangulares. A posição da célula é definida de acordo com a linha e a coluna onde está localizada. Cada célula contém um valor que corresponde ao tipo de entidade que é encontrada naquela posição. Normalmente, uma área é representada no modelo raster através de diferentes camadas (mapas temáticos), onde as células de uma camada armazenam os valores associados a uma única variável ou tema (ex.: tipo de solo, hidrologia, relevo, etc.) [Mag92]. O espaço é todo coberto, uma vez que cada localização na área de estudo corresponde a uma célula no raster.

Um Banco de Dados Geográfico é uma coleção de dados referenciados espacialmente, que funciona como um modelo da realidade. Um banco de dados é um modelo da realidade por representar um conjunto selecionado de fenômenos da realidade, que podem estar associados a diferentes períodos de tempo (passado, presente ou futuro) [Bar91]. Modelagem de dados geográficos é o processo que converte uma realidade geográfica complexa em um conjunto finito de registros ou objetos de um banco de dados [Goo92].

Em resumo, as principais características de SIG's são:

- Integrar, numa única base de dados, informações espaciais provenientes de dados cartográficos, imagens de satélite, redes e modelos de terreno.
- Combinar as várias informações, para gerar mapeamentos derivados.
- Consultar, recuperar, visualizar e plotar o conteúdo da base de dados geocodificados.

“Um SIG não é um programa de computador, para onde se vai “juntando” informação, mas sim, um conjunto de programas que interagem uns com os outros” (Aranha, 2011).

“A capacidade de análise espacial é o diferencial do SIG. Pois, a análise espacial permite acrescentar valor à informação geográfica, identificar padrões e suportar decisões, transformando dados brutos e, conhecimento útil, que pode auxiliar na tomada de decisões” (Goodchild *et al.*, 2005).

2.2.2 - Potencialidade e aplicação dos SIG no Turismo.

“Os SIG constituem um poderoso conjunto de ferramentas de recolha, armazenamento, atualização, gestão, análise e exibição de dados espaciais. A incorporação desta tecnologia pode contribuir para melhorar os serviços oferecidos no mercado turístico, pois assenta na capacidade de fazer chegar informação a diferentes agentes, incluindo a comunidade. Uma grande parte desta informação é inerentemente espacial, indicando onde se encontram os recursos turísticos, quão extensivos eles são e a intensidade com que são utilizados. Isto sugere que os SIG podem constituir uma ferramenta útil e eficaz no planeamento da atividade turística. As mudanças que ocorrem no turismo, a competição entre produtos e destinos turísticos e as alterações nos comportamentos dos turistas são vetores que terão de ser geridos do ponto de vista do planeamento, estratégia e desenvolvimento de espaços turísticos” (Colak e Aydinoglu, 2006).

Os SIG possibilitam esta capacidade de análise da adequabilidade de uma área para o Turismo (ou para um determinado produto turístico), na medida em que, além da referida integração de informação de fontes diversas, que permite o conhecimento das condições de um local, facilita a visualização dos dados e, fundamentalmente, dos resultados/cenários esperados, nomeadamente através de mapas (Farsari&Prastacos, 2007). Assim, os SIG representam uma clara contribuição no apoio à decisão por parte

dos planejadores turísticos (Farsari&Prastacos, 2007), até porque existe uma relação entre dados geográficos (qualquer informação sobre uma localização), informação (a transformação dos anteriores em dados úteis) e tomada de decisão (Cabral *et al.*, 2003).

Ao permitir identificar impactos prováveis, os SIG, promovem também uma melhor utilização dos recursos (humanos, técnicos, naturais, patrimoniais e outros), podendo contribuir para uma melhor e mais eficiente distribuição dos custos e benefícios da atividade turística (Farsari&Prastacos, 2003), que leva a uma maior justiça social.

2.2.3 WebSIG – Os SIG na Internet

O conhecimento espacial assume, desde há longa data, uma importância crítica no desenvolvimento das actividades humanas e no modo como o homem interage com o espaço. De facto quase todos os fenómenos com que somos confrontados diariamente assumem uma expressão territorial. Representar, analisar e conhecer a dimensão espacial associada a esses fenómenos constitui um dos principais desafios que se colocam aos Sistemas de Informação Geográfica (Painho & Curvelo, 2009)

Podemos definir o SIG como um sistema computacional para lidar com a recolha, armazenamento, manipulação, análise, visualização e exibição de informações geográficas (Department of Geography, San Diego State University, 2002).

Como os dados espaciais estão em toda parte, e a necessidade de localização precisa, os SIGs cada vez mais, estão sendo utilizados em diversas áreas. A aplicação do SIG no turismo é bastante utilizada. Um estudo sobre a aplicação do SIG no turismo por Chen (2007) no trabalho denominado “Geographic information systems (GIS) applications in retailtourism and teaching curriculum”. Neste estudo Chen destaca os seguintes aspectos: a) Gestão do fluxo de visitantes; b) Inventariação e uso de recursos; c) Avaliação dos impactos do desenvolvimento do turismo. O SIG pode ser utilizado para demonstrar os impactos do turismo em vários setores.

Como a *Internet* um sistema de redes de computadores interligados formando assim uma rede, que proporciona partilhar a informação e a comunicação em tempo real, independente da distância física. A popularidade crescente da *Internet*, desde a navegação *on-line* ao comércio electrónico, passando por conversas interactivas, faz da *Internet* uma parte integral da nossa sociedade (Peng & Tsou, 2003). O acesso quase omnipresente à *Internet* e aos conteúdos interactivos da fez da *Internet* um poderoso meio para as pessoas acederem, trocarem e processarem informações. Várias aplicações no jornalismo, na ciência, na publicação, no ensino e em outros campos mudaram por causa do uso da *Internet* (Plewe, 1997 citado por Peng & Tsou, 2003). Da mesma maneira, a *Internet* mudou a forma como o processamento e os dados dos SIG são acessados, partilhados e manipulados (Peng & Tsou, 2003).

A *Internet* influenciou o SIG em três grandes áreas: no acesso aos dados, na disseminação da informação espacial e no processamento e modelação. A *Internet* possibilita aos utilizadores de SIG um fácil acesso na aquisição de dados espaciais de

diferentes fornecedores. Possibilita também a disseminação dos resultados das análises SIG e da informação espacial para uma audiência maior do que o SIG tradicional (usando o *desktop*). Além disso, a Internet está se tornando um meio para se realizar processamentos de dados espaciais. Ela aumenta a acessibilidade e a reutilização de ferramentas de análise dos SIG através do descarregamento (*download*) e carregamento (*upload*) dos componentes de processamentos dos SIG. No futuro, os utilizadores dos SIG poderão trabalhar sobre os dados interactivamente usando somente os seus navegadores sem necessidade de instalar *software* SIG nos seus computadores (Peng & Tsou, 2003). Plewe (1997, citado por Peng & Tsou, 2003) usa o termo informação geográfica distribuída para referir ao uso das tecnologias associadas a Internet para distribuir informação geográfica em diversas formas, incluindo mapas, imagens, análises e relatórios.

Num sistema cliente/servidor há duas ou mais entidades trocando informações. Geralmente, essas entidades se encontram em locais distintos, e consequentemente em computadores distintos, sendo que um dos computadores é nomeado Cliente, e o outro, Servidor. O servidor tem a responsabilidade de “servir” o cliente com informações. A sequência básica de acções é: o cliente envia uma requisição de serviço ao servidor, que por sua vez realiza um processamento prévio (se necessário) das informações e as envia ao cliente. Portanto, o servidor normalmente realiza três tarefas básicas: armazenar, processar e enviar informações ao requisitante. O servidor pode comunicar com outros computadores para obter outras informações ou mesmo para solicitar algum tipo de processamento. O cliente geralmente não realiza processamento. Apenas envia pedidos ao servidor e interpreta as informações recebidas do mesmo (em sistemas para internet, é comum que o cliente realize algum processamento de dados, reduzindo assim o trabalho do servidor) (Gorni *et al.*, 2007).

Enquanto o SIG desktop tradicional baseia-se no GUI (Graphica User Interface – Interface Gráfica do Utilizador) para os utilizadores interagirem com os programas SIG, o SIG distribuído baseia-se em WWW e os seus *add-ons* para proporcionar interactividade entre os utilizadores e os programas dos SIG distribuídos (Peng & Tsou, 2003).

O SIG está entrelaçado com a *Internet*. O termo "WebSIG" refere-se a aplicações que distribui dados espaciais para os usuários através de um navegador Web. Os usuários podem exibir, consultar e analisar dados geográficos remotamente através de uma interface de um navegador Web. Porque é uma maneira relativamente barata de divulgação de dados espaciais e funcionalidades básicas de SIG, oWebSIG tornou-se amplamente utilizado tanto por organizações públicas como privadas. Uma boa parte das funcionalidades básicas do desktop SIG já estão disponíveis aos usuários para interagir com bases de dados SIG através da WWW ou uma intranet (Bonnici, 2005). Segundo Bonnici (2005), os benefícios do WebSIG incluem:

- Capacidade para distribuir dados GIS e funcionalidade para um grande público;
- Os utilizadores não precisam ter o software GIS;

- Os utilizadores normalmente não precisam de treino extensivo;

Desvantagens da WebSIG incluem:

- Tempo de resposta pode ser longo, dependendo de vários factores tais como a capacidade de conexão, dados de volume de tráfego de rede e da capacidade do processador.

Ainda Bonnici (2005), os componentes de um típico sistema GIS Web incluem:

- Dados - Dados espaciais - os dados com um componente posicional ou geográfica, em algum formato de arquivo de dados (SHP ou outro) ou armazenado numa base de dados espaciais. - Dados de atributo - características ou propriedades dos recursos de mapa, armazenadas como dados textuais ou tabular, normalmente numa base de dados relacional
- Software - Servidor WebSIG - para interpretar as solicitações dos clientes, interagir com o aplicativo do WebSIG e empacotar os dados para transferência via Web - Servidor Web - por exemplo, Apache, Internet InformationServer (IIS) - Navegador do cliente - por exemplo, Internet Explorer, Mozilla - Applet ou Plug-in do lado do cliente – este requisito depende da tecnologia - Software aplicativo da Web para base de dados - por exemplo, PHP, ASP.NET, ColdFusion
- Hardware - Servidor central - Computadores cliente - Ligação através da Internet ou, para sites de intranet, através de uma LAN ou WAN

Capítulo III – Material e Métodos

Para o desenvolvimento deste trabalho foi preciso recorrer a múltiplas fontes de informação, como sejam:

- Instituto Geográfico do Exército Português (IGEOE);
 - Folhas da Carta Militar de Portugal, serie M888;
 - Altimetria à escala 1/25000;
- Instituto Geográfico Português (IGP);
 - Carta Administrativa Oficial de Portugal – CAOP;
 - Carta de Uso do Solo 1990 – CLC90;
 - Carta de Uso do Solo 2000 – CLC00;
 - Carta de Uso do Solo 2006 – CLC06;
- Google Earth;
- Google Maps;
- Ortofotomapas;
- Microsoft BingMaps;
- Fotografias aéreas;
- Bibliografia produzida pelos vários Gabinetes de Turismo;
- Bibliografia referente a locais com valor natural, paisagístico e histórico.

Para suporte do trabalho prático, comecei por criar um projeto em ambiente de Sistema de Informação Geográfica com valências em sensoriamento remoto e em sistemas de posicionamento global (GPS).

Relativamente à metodologia de trabalho foram seguidas as seguintes etapas,

- Pesquisa e análise de bibliografias diversas;
- Pesquisa de bases cartográficas e elaboração de cartografia temática;
- Pesquisa de bases estatísticas de todos os registos numéricos relativos aos temas;
- Levantamentos das variáveis a analisar para a realização do produto final, rede viária, pontos de interesse turístico, locais a visitar;
- Elaboração dos mapas; Criação de base de dados geográfica.

Com base na CAOP, criou-se a estrutura geral do projecto SIG. Identificaram-se os distritos relativos á área de estudo e criou-se uma shapefile com esse limite. Esta shapefile serviu de área limite para cortar a restante informação: Modelo Digital do Terreno, CLC, rede viária e rede hidrográfica. Posteriormente, foram criados pontos georreferenciados e feita uma breve descrição referente a cada local e a cada tema. Esta informação foi inserida no projecto SIG como conjunto de pontos.

CAPÍTULO IV – CASO DE ESTUDO: CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DE TRÁS –OS- MONTES EM TERMOS DE POTENCIAL TURÍSTICO.

4.1 Apresentação e caracterização do local de estudo.

“Vou falar-lhes dum Reino Maravilhoso. Embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá reinos maravilhosos neste mundo. O que é preciso, para os ver, é que os olhos não percam a virgindade original diante da realidade, e o coração, depois, não hesite.” (Miguel Torga)

A área de estudo para esse trabalho é a região de Trás-os-Montes. Trás-os-Montes é uma região rural que fica no norte de Portugal. Atualmente, a região que é composta estatisticamente por alguns concelhos que compõe a NUT III, que estão contidos na “Sub região do Douro” na “Sub região Alto Trás-os-Montes” e na Sub-região Tâmega. No passado, Trás-os-Montes era uma província e correspondia basicamente a dois distritos: Vila Real e Bragança, sendo Vila Real a cidade capital da província. Após a reforma, Portugal passou a adotar a divisão por distritos, e sendo assim, as províncias não tinham mais nenhuma atribuição prática, ou seja, não existiam administrativamente. Mas, a região continuou a ser conhecida como Trás-os-Montes.

Trás-os-Montes tem características peculiares, que a fazem distinguir das outras regiões de Portugal. A sua geografia é composta de uma zona planáltica e montanhosa, cortada por vales e com contrastes climáticos. Em função dessas peculiaridades, o clima na região também sofre alterações, no decorrer do ano. O inverno é a estação mais longa acompanhada de temperaturas muito baixas, e o verão é muito quente e seco. Muitas vezes, o calor extremo, torna se sufocante nos vales.

A primavera e o outono são estações com temperaturas amenas e a variação é sentida no dia-a-dia. Por influência desse clima, o distrito de Bragança é dividido e conhecido como “Terra Quente” e Terra Fria.”

A Terra quente transmontana é caracterizada por verões muito quentes e secos, e isso, influência na vegetação e agricultura do lugar. A agricultura na região tem um peso muito significativo. É feita a produção de variados produtos agrícolas, tais como: a cereja, a maçã, a uva, a castanha e a azeitona.

A Terra Fria é oposta a Terra Quente. Na Terra fria, são “*Nove meses de inverno e três de inferno*”. É um jargão muito utilizado pelos transmontanos para definir a peculiaridade do clima na região. Na Terra Fria, é onde se encontra as zonas ecológicas, tais como: Parque Natural de Montesinho e do Douro Internacional.

Na Terra Fria o maior cultivo é a castanha, além do cereal de trigo e centeio. A castanha é considerada “O ouro” da Terra Fria Transmontana.

Por ser possuir características peculiares e diversificadas, o turismo vem ganhando força na região, pois a mesma, vem investindo e promovendo os seus recursos endógenos e culturais. Por ser uma atividade econômica e dinâmica, o turismo em recursos naturais, cultural e gastronômico, passou a ser uma porta de entrada para as zonas rurais, por não possuírem muitas fontes de rendimentos, constituem no turismo uma forma de revitalização da atividade econômica. São várias as atividades e os tipos de turismo que se podem desenvolver em uma região rural.

A região insere-se na Área Promocional Turística do Porto e Norte de Portugal, a qual engloba os cinco distritos: Bragança, Vila Real, Viana do Castelo, Braga e Porto. Não tendo registado um desenvolvimento tão grande, em termos turísticos, como outras zonas do país, o Norte de Portugal tem, no entanto, verificado um aumento da importância do turismo como sector de atividade econômica, com uma cada vez maior afirmação dos agentes locais ligados ao sector (Santos & Terrasêca, 1998). A região tem, no entanto, oportunidades consideráveis sobretudo no que diz respeito aos inúmeros recursos turísticos, baseados essencialmente no rio Douro e nas magníficas paisagens, mas também no âmbito de novas temáticas com grande potencial de desenvolvimento como é o caso do turismo de natureza, a gastronomia e todas as oportunidades relacionadas com novos produtos turísticos fortemente ligados ao território (CCRN, 1999).

O presente trabalho é identificar, caracterizar e promover a diversificação do turismo na região de Trás-os-Montes.

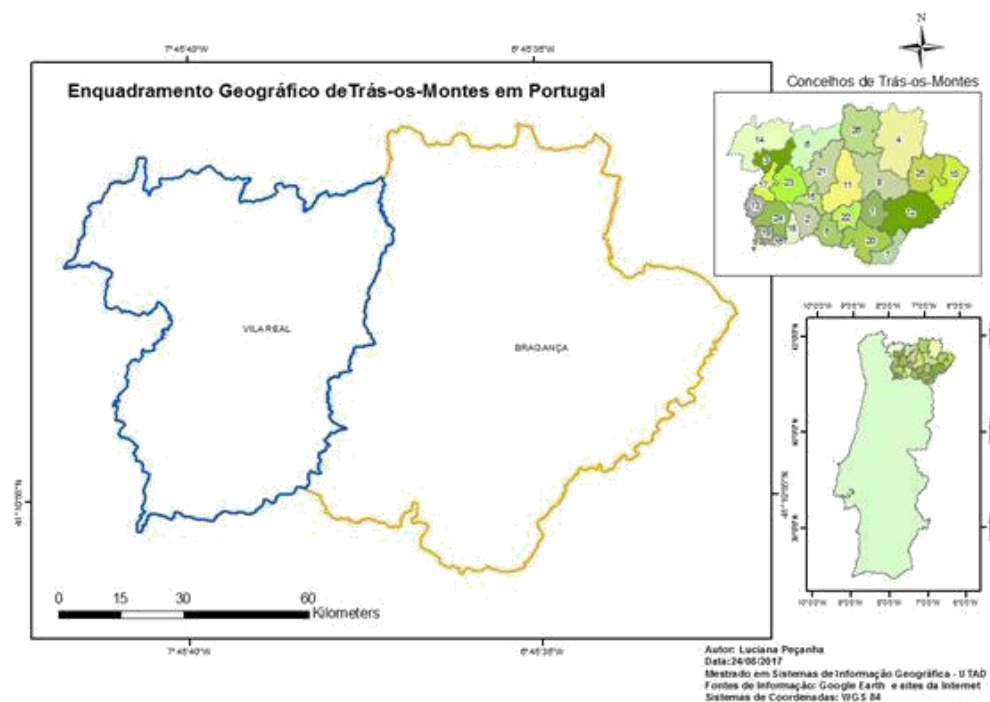
4.2. Área de Estudo.

4.2.1. Enquadramento regional da área de estudo.

A área de estudo abrange a região de Trás-os-Montes – distritos de Vila Real e Bragança, e seus respectivos concelhos. Anteriormente, a região era também constituída por alguns concelhos dos distritos de Viseu e Guarda.

Trás-os-Montes é uma região montanhosa, caracterizada por sua diversidade de relevo e de clima – altitude, temperatura, pluviosidade, solo, etc., variam conforme cada cidade da região. De maneira geral, seu relevo é formado por uma série de elevadas plataformas onduladas atravessadas por vales e bacias profundas, os solos se apresentam como graníticos, mas com presença importante de xisto. A região tem clima com influência mediterrânico-continental, com áreas de muito frio nas partes mais altas e outras mais quentes na região do Douro. A natureza privilegiada é fonte de riqueza para a região: os recursos hídricos, com rios importantes, por exemplo, são utilizados para gerar energia elétrica. Outra riqueza retirada da natureza da região são as vinhas dispostas nos vales que circundam o Douro e que originam vinhos excelentes e apreciados no mundo todo. O principal deles: o famoso Vinho do Porto. A vitivinicultura em Trás-os-Montes tem história e tradição. Além de ter sido a primeira região regulamentada para produção vinícola do mundo, em 1756, foi reconhecida pela UNESCO, em 2001, como Património da Humanidade.

Por tudo isso, Trás-os-Montes, tem potencialidades turísticas incríveis a serem exploradas: riqueza natural, beleza das paisagens, patrimônio histórico incomum, cultura tradicional e histórica, vinhos e gastronomia de qualidade mais que reconhecida.



CONCELHOS_TM		
LEGENDA		
1 - ALFÂNDEGA DA FÉ	17 - RIBEIRA DE PENA	26 - VINHAIS
10 - MIRANDA DO DOURO	18 - SABROSA	3 - BOTICAS
11 - MIRANDELA	19 - SANTA MARTA DE PENAGUIÃO	4 - BRAGANÇA
12 - MOGADOURO	2 - ALIJÓ	5 - CARRAZEDA DE ANSIÃES
13 - MONDIM DE BASTO	20 - TORRE DE MONCORVO	6 - CHAVES
14 - MONTALEGRE	21 - VALPAÇOS	7 - FREIXO DE ESPADA À CINTA
15 - MURÇA	22 - VILA FLOR	8 - MACEDO DE CAVALEIROS
16 - PESO DA RÉGUA	23 - VILA POÇA DE AGUIAR	9 - MESÃO FRIO
	24 - VILA REAL	
	25 - VIMIOSO	

Figura3: Enquadramento Geográfico de Trás-os-Montes em Portugal Continental: ver legenda na tabela 1

Tabela 1 da área de estudo: Distritos e seus concelhos.

DISTRITO	CONCELHO	AREA_HA	AREA(%)
BRAGANÇA	ALFÂNDEGA DA FE	32194.64	2.95
BRAGANÇA	MIRANDA DO DOURO	48718.31	4.47
BRAGANÇA	MIRANDELA	65895.67	6.04
BRAGANÇA	MOGADOURO	76064.93	6.97
VILA REAL	MONDIM DE BASTO	17207.52	1.58
VILA REAL	MONTALEGRE	80545.71	7.39
VILA REAL	MURÇA	18937.11	1.74
VILA REAL	PESO DA REGUA	9486.01	0.87
VILA REAL	RIBEIRA DE PENHA	21745.98	1.99
VILA REAL	SABROSA	15692.45	1.44
VILA REAL	SANTA MARTA DE PENAGUIAO	6928.13	0.64
VILA REAL	ALIJO	29759.89	2.73
BRAGANÇA	TORRE DE MONCORVO	53155.67	4.87
VILA REAL	VALPAÇOS	54873.93	5.03
BRAGANÇA	VILA FLOR	26581.14	2.44
VILA REAL	VILA POUCA DE AGUIAR	43706.62	4.01
VILA REAL	VILA REAL	37880.28	3.47
BRAGANÇA	VIMIOSO	48158.51	4.42
BRAGANÇA	VINHAIS	69475.09	6.37
VILA REAL	BOTICAS	32195.66	2.95
BRAGANÇA	BRAGANÇA	117357.27	10.76
BRAGANÇA	CARRAZEDA DE ANSIAES	27924.09	5.42
VILA REAL	CHAVES	59122.95	5.42
BRAGANÇA	FREIXO DE ESPADA À CINTA	24414.29	2.24
BRAGANÇA	MACEDO DE CAVALEIROS	69914.08	6.41
VILA REAL	MESÃO FRIO	2664.87	0.24

4.2.2. Caracterização Topográfica da área de estudo:

Representação do terreno digital da região de Trás-os-Montes:

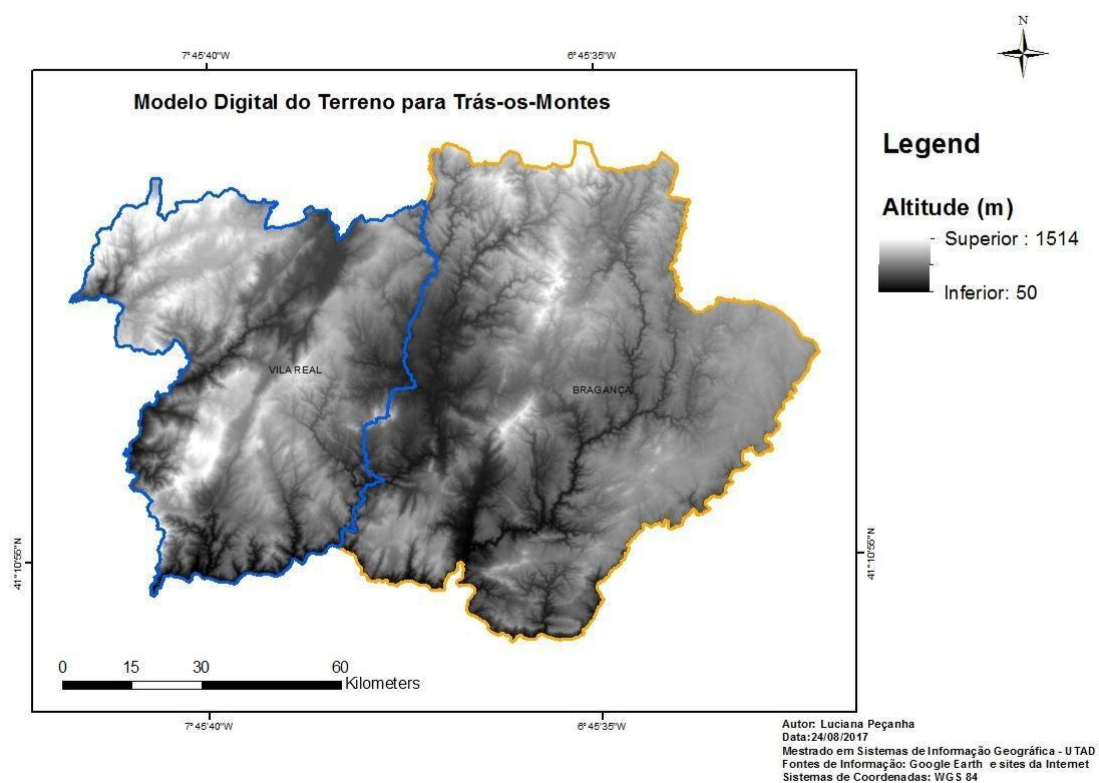


Figura 4 – Modelo Digital do Terreno (MDT) da Região de Trás os Montes.

4.2.3. Carta de Exposição (Aspect) da região Trás-os-Montes:

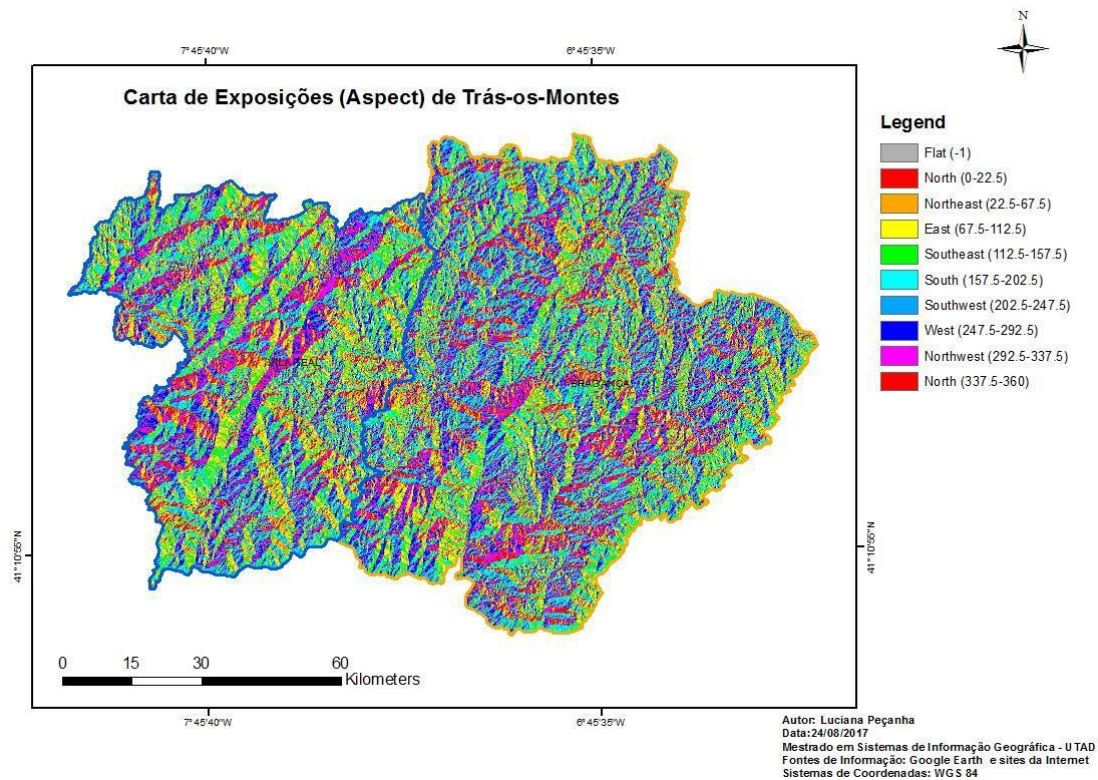


Figura 5: Carta de Exposições da região de Trás-os-Montes

4.2.4. Carta de Declives (Slope) da região Trás-os-Montes:

De acordo com a carta de declives a área do terreno varia entre os 0%- de área plana (min) e os 211% de áreas declivosas (máx). Na legenda é possível verificar o percentual dos valores

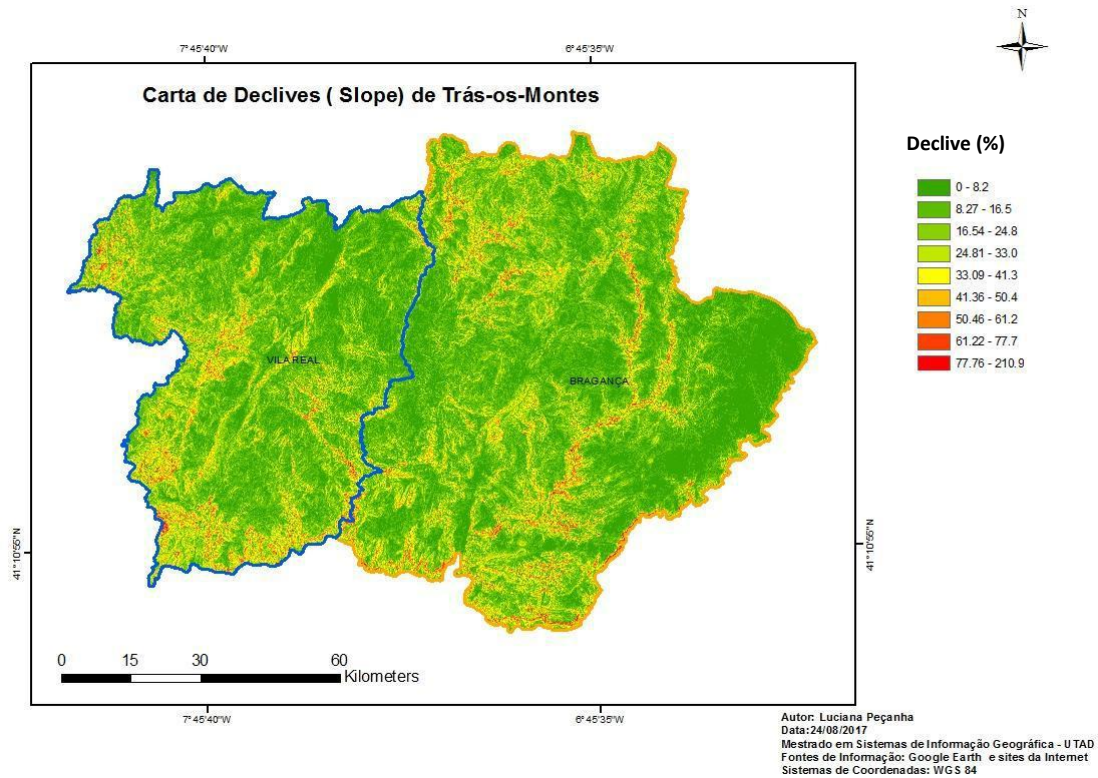
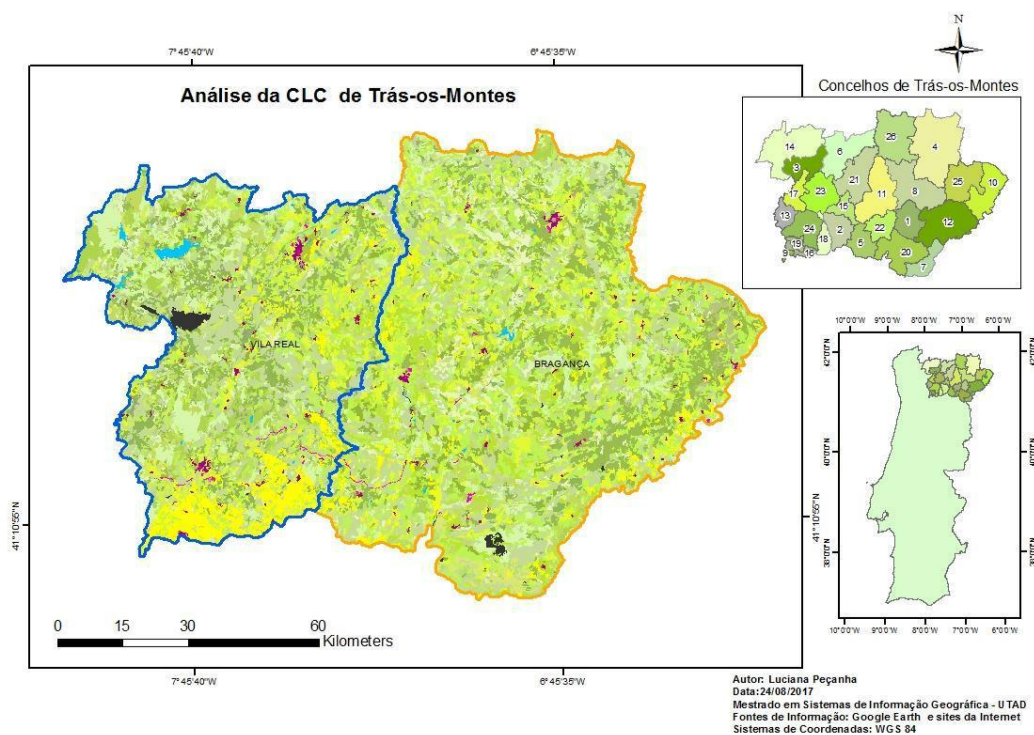


Figura 6: Carta de Declives (expressos em percentagem - %) da região de Trás-os-Montes.

4.2.5. Caracterização da ocupação do solo da região Trás-os-Montes – carta de Ocupação do solo, adaptado de CLC2012 (Corine Land Cover):



Legend

clc2012_VR_BG

LABEL3

- | | |
|--|--|
| Agro-forestry areas | Mineral extraction sites |
| Airports | Mixed forest |
| Annual crops associated with permanent crops | Moors and heathland |
| Bare rocks | Natural grasslands |
| Broad-leaved forest | Non-irrigated arable land |
| Burnt areas | Olive groves |
| Complex cultivation patterns | Pastures |
| Coniferous forest | Permanently irrigated land |
| Construction sites | Road and rail networks and associated land |
| Continuous urban fabric | Sclerophyllous vegetation |
| Discontinuous urban fabric | Sparsely vegetated areas |
| Fruit trees and berry plantations | Sport and leisure facilities |
| Green urban areas | Transitional woodland-shrub |
| Industrial or commercial units | Vineyards |
| Land principally occupied by agriculture, with significant areas of natural vegetation | Water bodies |
| | Water courses |

Figura 7: Carta de Ocupação do Solo (Adp. de CLC 2012) da região de Trás-os- Montes.

Tabela2 –Área ocupada por cada uma das classes apresentadas na CLC2021

Ocupação do solo	AREA (ha)	AREA (%)	Ocupação do solo	AREA (ha)	AREA (%)
Agro-forestry areas	5414	0.50	Mixed forest	31383	2.88
Airports	111	0.01	Moors and heathland	106480	9.76
Annual crops associated with permanent crops	31201	2.86	Natural grasslands	45203	4.14
Bare rocks	265	0.02	Non-irrigated arable land	96744	8.87
Broad-leaved forest	36834	3.38	Olive groves	43447	3.98
Burnt areas	5047	0.46	Pastures	7301	0.67
Complex cultivation patterns	104215	9.56	Permanently irrigated land	2810	0.26
Coniferous forest	44859	4.11	Road and rail networks and associated land	1923	0.18
Construction sites	1331	0.12	Sclerophyllous vegetation	9528	0.87
Continuous urban fabric	253	0.02	Sparsely vegetated areas	21904	2.01
Discontinuous urban fabric	7430	0.68	Sport and leisure facilities	225	0.02
Fruit trees and berry plantations	13986	1.28	Transitional woodland-shrub	202996	18.61
Green urban areas	28	0.00	Vineyards	48601	4.46
Industrial or commercial units	812	0.07	Water bodies	4578	0.42
Land principally occupied by agriculture, with significant areas of permanent crops	212745	19.51	Water courses	1654	0.15
Mineral extraction sites	1344	0.12			

4.2.6 Áreas Protegidas em Trás-os-Montes

Em Trás-os-Montes, existem áreas que são protegidas e classificadas, tais como Rede Natura 2000, Reserva da Biosfera. Essas áreas têm diferentes tipos de áreas de proteção e possuem um valor ecológico e paisagístico de tamanha importância e raridade, como sua flora e fauna, encontradas na região.

O parque Nacional do Gerês não é considerado Trás-os-Montes, mas uma parte de seu território está contido no concelho de Montalegre, que pertence ao distrito de Vila Real, região de Trás-os-Montes

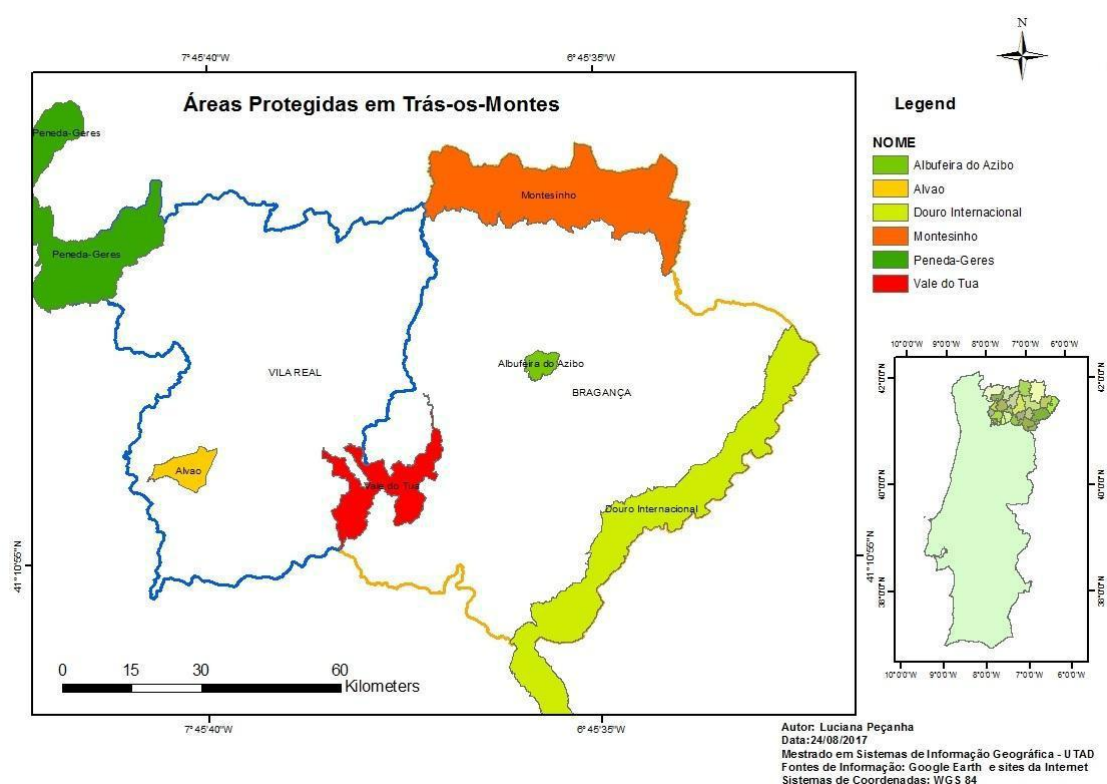


Figura 8: Áreas protegidas de Trás-os-Montes.

NOME	Classificação da Reserva	Area(ha)	Area(%)
Albufeira do Azibo	Paisagem Protegida Regional	3 277.19	1.23
Alvao	Parque Natural	7 238.30	2.72
Douro Internacional	Parque Natural	86 834.82	32.65
Montesinho	Parque Natural	74 224.89	27.91
Peneda-Geres	Parque Nacional	69 594.48	26.17
Vale do Tua	Parque Natural Regional	24 769.07	9.31

Tabela 3 – total e percentual das áreas protegidas

4.2.7 Principais Rios na região:

Os principais rios da região de Trás-os-Montes, são os rios Tâmega e Rio Douro, ambos internacionais com origem na Espanha. Esses rios percorrem toda a região de Trás-os-Montes e são responsáveis pelo abastecimento das albufeiras existentes na região.

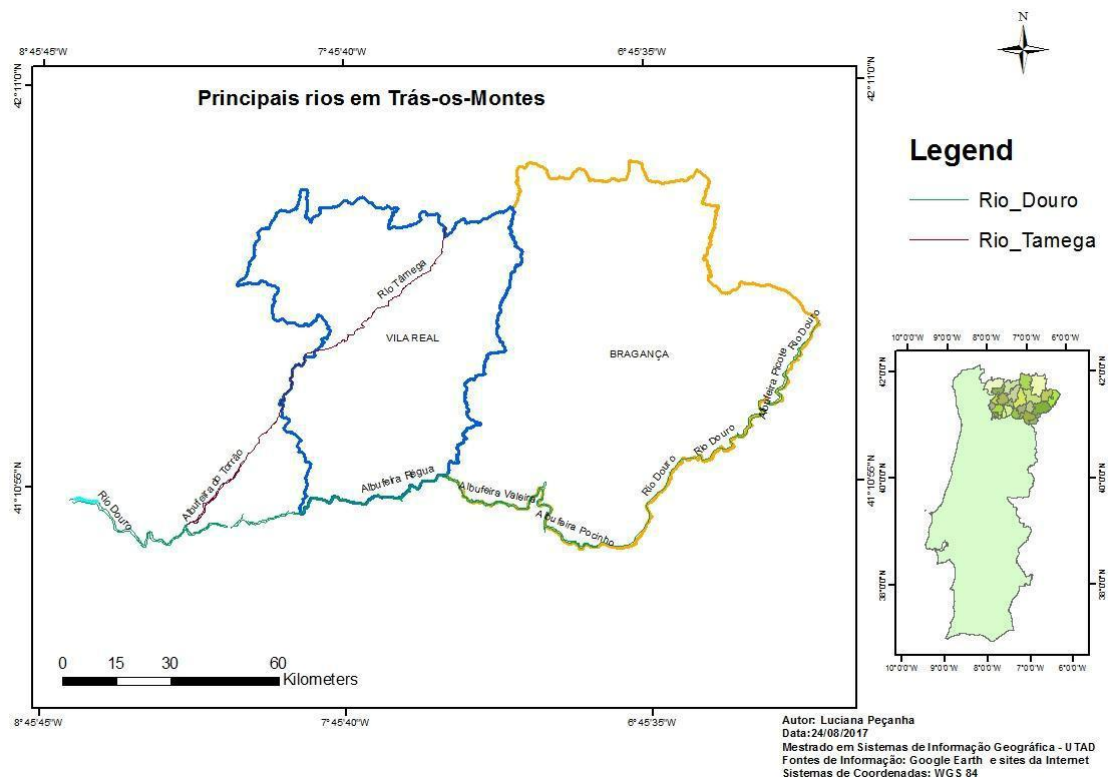


Figura 9: Principais rios da região.

Capítulo V – Apresentação e Discussão dos Resultados

5.1 Caracterização do Turismo temático da região de Trás-os-Montes:

5.1.2 Turismo Gastronômico:

“Uma alheira, com a pele fendida; tostada do calor da fritura, aderreter aquele unto doirado e rescendente a alho - quem haverá ali, senhores que não se tente?”
(Manuel Mendes)

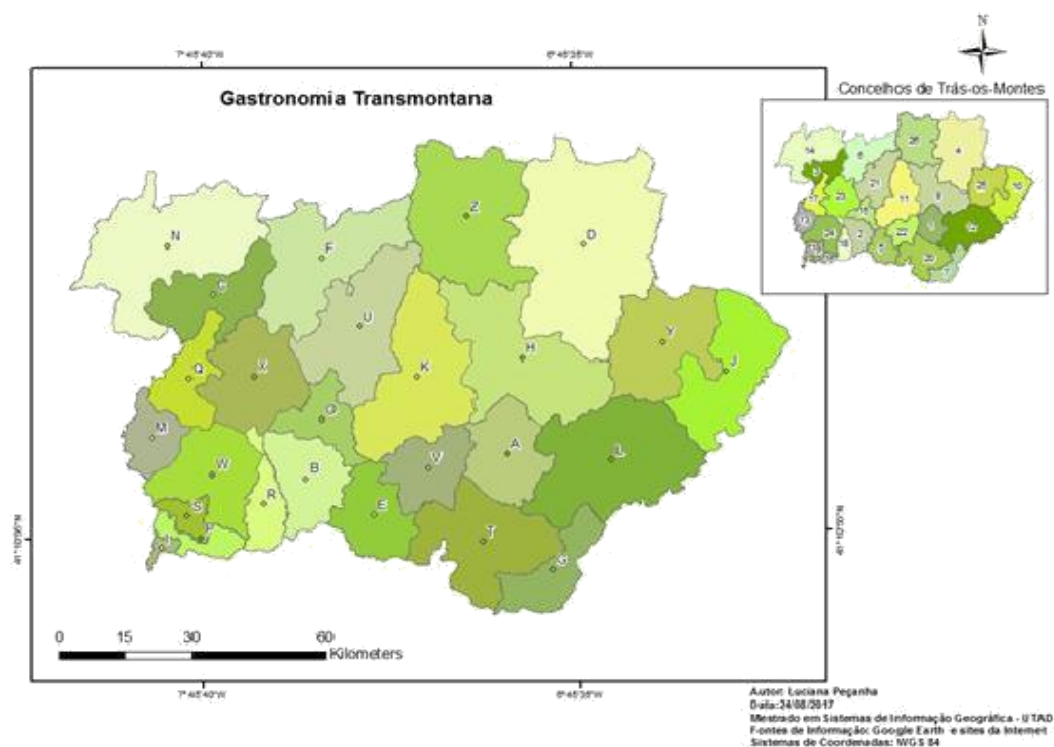
“A Gastronomia é um discurso sobre o prazer da mesa. É tributária da variedade e funde-se na escolha e na selecção. Parte integrante da cultura, a Gastronomia implica amar e apreciar verdadeiramente boa comida e bom vinho, dois dos prazeres da vida que, quando são sustentados por um bom serviço e boa companhia, ajudam a proporcionar uma refeição, realmente fantástica” (Sampaio, 2009).

A gastronomia está ligada a cultura da região, de seu povo e seus antepassados. É uma herança. Por isso, a gastronomia é a identidade de uma região ou local.

Por ter uma gastronomia rica e diversificada, Trás-os-Montes, é uma região que tem muito a oferecer em termos gastronômicos, por isso o investimento no turismo gastronômico é de grande valia para a região.

Baseando-se no levantamento da gastronomia típica da região, as mesmas foram georreferenciadas e mapeadas por cada concelho. Esse mapeamento serve para mostrar a gastronomia típica de cada concelho e o que a região tem a oferecer em termos de potencial turístico gastronômico.

Esses locais foram georreferenciados e mapeados em um ambiente de Sistemas de Informação Geográfica (SIG).



Legend

CONCELHOS_TM

LEGENDA

1 - ALFÂNDEGA DA FÉ	17 - RIBEIRA DE PENA	26 - VINHAIS
10 - MIRANDA DO DOURO	18 - SABROSA	3 - BOTICAS
11 - MIRANDELA	19 - SANTA MARTA DE PENAGUIÃO	4 - BRAGANÇA
12 - MOGADOURO	2 - ALIJÓ	5 - CARRAZEDA DE ANSIÃES
13 - MÓNDIM DE BASTO	20 - TORRE DE MONCORVO	6 - CHAVES
14 - MONTA LEGRE	21 - VALPAÇOS	7 - FREIXO DE ESPADA À CINTA
15 - MURÇA	22 - VILA FLOR	8 - MACEDÓ DE CAVALEIROS
16 - PESO DA RÊGUA	23 - VILA POUCA DE AGUIAR	9 - MESÃO FRIO
	24 - VILA REAL	
	25 - VIMIOSO	

LEGENDA

A - Fumeiro
B - Vinho Moscatel, Trigo de Favaio, Enchidos
C - Vitela Barrosa, Cozido Barrosa, Mel do Barroso
D - Vitela Mirandesa, Cordeiro, Butelo e Casulos
E - Marra, Fumeiro, Javali, Perdiz, Coelho
F - Pastel de Chaves, Folar de Chaves, Presunto
G - Arroz de Lebre, Lebrada com Feijão
H - Javali com Castanha, Grelhos com Salpicão
I - Cabrito com arroz, Caldeirada
J - Bola de Miranda, Vitela Mirandesa, Cordeiro
K - Alheira, Bacalhau com pão centeio, Borrego Assado
L - Posta Mirandesa, Marra, Bulho, Chichos
M - Posta Maronesa, Cabrito Assado, Vinhos Verdes
N - Cozido a Barrosa, Chourica, Doce de Abóbora
O - Queijada de Moura, Toucinho do Céu

P - Sopa de Troncha, Feijão vermelho, sardinha com broa
Q - Gamela de Batatas, Arroz das Vessadas, Trutas
R - Cabrito Assado com Arroz, Bola de Carne, Pão de Ló, Cavacas
S - Bazulaque, Acorda de Medroses, Caldo de Castanha
T - Cozido a Transmontana, Favas Guisadas, Borrego
U - Caldo de Cascas, Feijoada Transmontana
V - Alcaparras, Arroz doce, Aletria com Amendoas
W - Tripas ao Molho, Covilhetes, Joelho da Porca, Cristas de Galo, Pito, Gancha
X - Cabrito a Serrana e Pudim de Castanhas
Y - Botelo com Cascas, Caldeirada de Cordeiro, Fumeiro
Z - Cozido a moda de Vinhais, Feijoada com Javali

Figura 10: Alguns exemplos de Gastronomia transmontana

5.1.3 Turismo Religioso

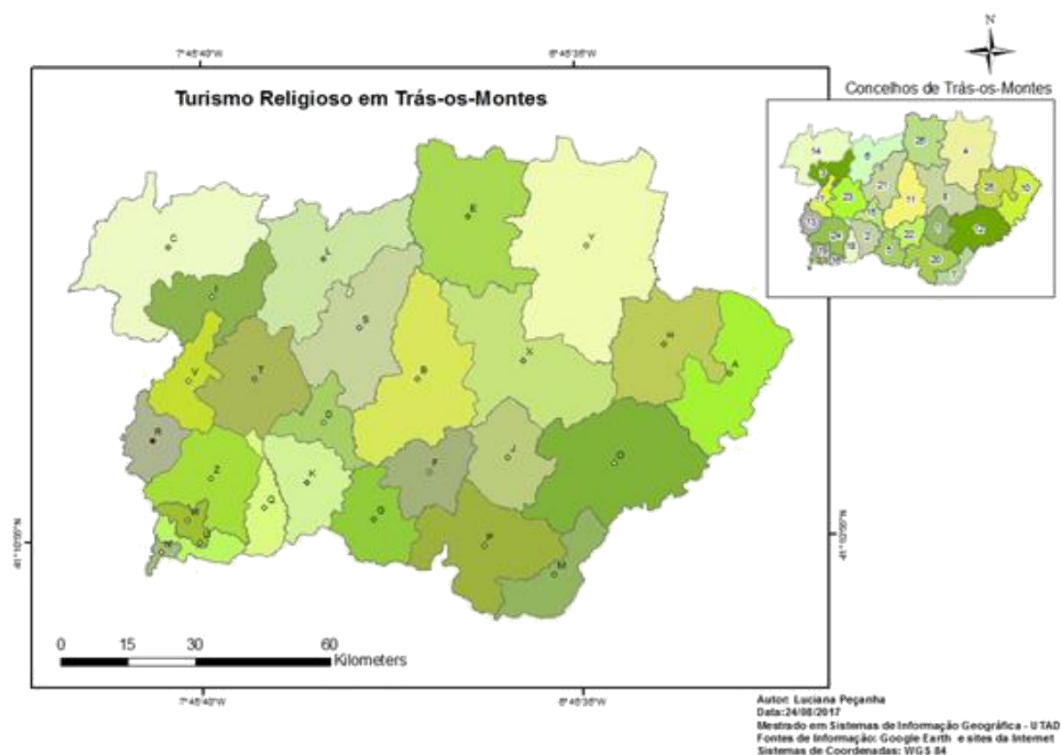
A religião, ao contribuir para a construção da identidade cultural dos povos, facilita a procura de respostas às questões mais profundas do ser humano (Dias, 2010)

A tipologia de turismo designada de turismo religioso, tem a sua génese nas peregrinações mas os dois diferenciam-se por motivações e finalidades; contudo, os seus processos permanecem próximos (Dias, 2010). As peregrinações constituem fenómenos expressivos de migração temporária de grandes massas populacionais, motivadas pela fé (Almeida, 2014)

O principal destino religioso em Portugal é em Fátima, mas na região de Trás-os-Montes há muitas igrejas, e o visitante que deseja fazer o turismo religioso, tem muito que visitar e percorrer na região.

Baseando-se no levantamento das igrejas nos concelhos da região, as mesmas foram georreferenciadas e mapeadas. Esse mapeamento serve para o potencial turístico religioso da região de Trás-os-Montes.

Esses locais foram georreferenciados e mapeados em um ambiente de Sistemas de Informação Geográfica (SIG).



Legend

CONCELHOS_TM

LEGENDA

1 - ALFÂNDEGA DA FÉ	17 - RIBEIRA DE PENA	26 - VINHAIS
10 - MIRANDA DO DOURO	18 - SABROSA	3 - BOTICAS
11 - MIRANDELA	19 - SANTA MARTA DE PENAGUIÃO	4 - BRAGANÇA
12 - MOGADOURO	2 - ALIJO	5 - CARRAZEDA DE ANSIÃES
13 - MONDIM DE BASTO	20 - TORRE DE MONCORVO	6 - CHAVES
14 - MONTALEGRE	21 - VALPAÇOS	7 - FREIXO DE ESPADA À CINTA
15 - MURÇA	22 - VILA FLOR	8 - MACEDO DE CAVALEIROS
16 - PESO DA RÉGUA	23 - VILA POUCA DE AGUIAR	9 - MESÃO FRIO
	24 - VILA REAL	
	25 - VIMOSO	

LEGENDA

A - Concatedral de Miranda do Douro - Antiga Se	P - Igreja Matriz de Torre de Moncorvo - Nossa Senhora da Assunção
B - Igreja da Misericórdia de Mirandela, Igreja Matriz - Igreja Nossa Senhora da Encarnação	Q - Igreja Matriz de Sabrosa
C - Igreja da Misericórdia de Montalegre	R - Igreja Matriz de São Cristovão de Mondim, Santuário de Nossa Senhora da Graça
D - Igreja da Misericórdia de Murça	S - Igreja Matriz de Valpaços - Santa Maria Maior
E - Igreja de Nossa Senhora da Assunção	T - Igreja matriz de Vila Pouca de Aguiar
F - Igreja de São Bartolomeu	U - Igreja Matriz do Peso da Régua
G - Igreja de São Salvador de Ansiães, Igreja de São João Baptista	V - Igreja Matriz do Salvador
H - Igreja de São Vicente	W - Igreja São Miguel de Lobrigo
I - Igreja do Eiro - São Salvador, Igreja Nossa Senhora da Livração, Igreja Paroquial de Botica	X - Igreja Paroquial de Macedo de Cavaleiros
J - Igreja Matriz de Alfândega da Fé, Capela Nossa Senhora de Jerusalém - Sendim	Y - Sé Catedral de Bragança - Nossa Senhora Rainha
K - Igreja Matriz de Alijo - Santa Maria Maior	Z - Sé de Vila Real, Igreja Nossa Senhora da Conceição
L - Igreja Matriz de Chaves - Santa Maria Maior, Igreja da Misericórdia de Chaves	
M - Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta - Igreja de São Miguel	
N - Igreja Matriz de Mesão de Frio - Igreja de São Nicolau	
O - Igreja Matriz de Mogadouro, Igreja Nossa Senhora do Caminho	

Figura11:Igrejas em Trás-os-Montes

5.1.4 Turismo em Recursos Naturais

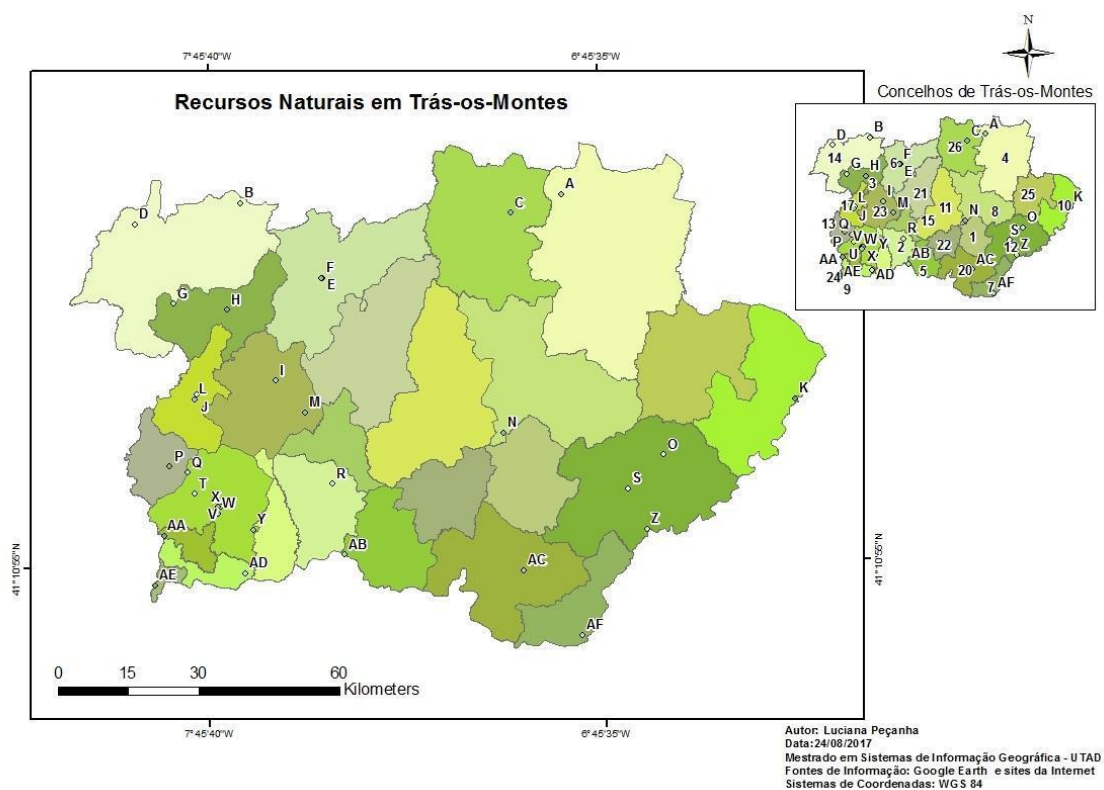
Trás-os-Montes é uma região rural e é muito rica em termos de recursos naturais. As atividades turísticas nestes espaços, como percursos pedestres, bicicleta, observação da fauna e flora, contemplação da natureza, são exemplos de atividades desenvolvidas nos espaços naturais. Diversos estudos destacam a importância que o turismo representa quando desenvolvido em espaços naturais protegidos. (José Castro, sd; Filomena Martins, sd)

O investimento no turismo em recursos naturais é de grande auxílio para o desenvolvimento da região. Além de possuir grandes parques naturais, reservas naturais e riquíssima biodiversidade, a região também possui um dos maiores jardins botânicos da Europa.

Com a valorização crescente dos recursos naturais e da paisagem, decorrente de movimentos e acordos internacionais, o ambiente rural deixou de ser apenas o local de produção agropecuária para adquirir outras funções. Estas últimas se referem à prática de esportes, canoagem, saltos, escaladas, trilhas, pesca, etc., a contemplação da paisagem e da flora e fauna silvestre, e a instalação de camping, spas, hotéis-fazenda, restaurantes típicos, e outros (Campanhola e Silva, 2000). Segundo Campanhola e Silva (2000), o turismo em área rural pode se constituir num vetor de desenvolvimento local, contanto que seja controlado por processos regionais, que considerem as comunidades locais se apropriando dos benefícios gerados, por consequência. Um dos pontos importantes a considerar neste contexto refere-se ao aproveitamento das especificidades de cada local ou território e o total aproveitamento das potencialidades e oportunidades.

Baseando-se nos recursos naturais da região, foi feito um levantamento dos locais e seus recursos naturais. Os mesmos foram georreferenciados e mapeados. Esse mapeamento serve para mostrar a quantidade e o nível do potencial turístico da região em termos de recursos naturais.

Esses locais foram georreferenciados e mapeados em um ambiente de Sistemas de Informação Geográfica (SIG).



LEGENDA

1 - ALFÂNDEGA DA FÉ	17 - RIBEIRA DE PENA	25 - VIMIOSO
10 - MIRANDA DO DOURO	18 - SABROSA	26 - VINHAIS
11 - MIRANDELA	19 - SANTA MARTA DE PENAGUIÃO	3 - BOTICAS
12 - MOGADOURO	2 - ALIJÓ	4 - BRAGANÇA
13 - MONDIM DE BASTO	20 - TORRE DE MONCORVO	5 - CARRAZEDA DE ANSIÃES
14 - MONTALEGRE	21 - VALPAÇOS	6 - CHAVES
15 - MURÇA	22 - VILA FLOR	7 - FREIXO DE ESPADAÀ CINTA
16 - PESO DARÉGUÁ	23 - VILA POUCADA AGUIAR	8 - MACEDO DE CAVALEIROS
	24 - VILA REAL	9 - MESÃO FRIO

LEGENDA

A - Parque Natural do Montesinho	K - Estacao Biologica Internacional do Douro
AA - SIC do Marão	L – Pena Parque
AB - Parque Natural Regional do Vale do Tua	M - Tres Minas
AC - Serra do Reboredo	N - Serra de Bornes
AD - São Leonardo da Galafura	O - Serra da Castanheira
AE - Miradouro de Sao Silvestre	P – Fisgas Ermelo
AF - Penedo Durao	Q – Parque Natural do Alvão
B - Serra do Larouco	R - Serra da Botelhinha
C - Parque Biologico de Vinhais	S - Serra do Mogadouro
D - Pitoes das Junias	T - Cascata Galegos da Serra
E - Jardim do Tabolado	U - Jardim da Carreira
F - Termas de Chaves	V - Parque Corgo
G - Serra do Barroso	W – Jardim Botânico
H – Boticas Parque	X - Parque Florestal
I - Pedras Salgadas	Y - NaturWaterPark
J - Parque Ambiental de Ribeira de Pena	

Figura 12: Recursos naturais em Trás-os-Montes

5.1.5 Turismo em Praias Fluviais

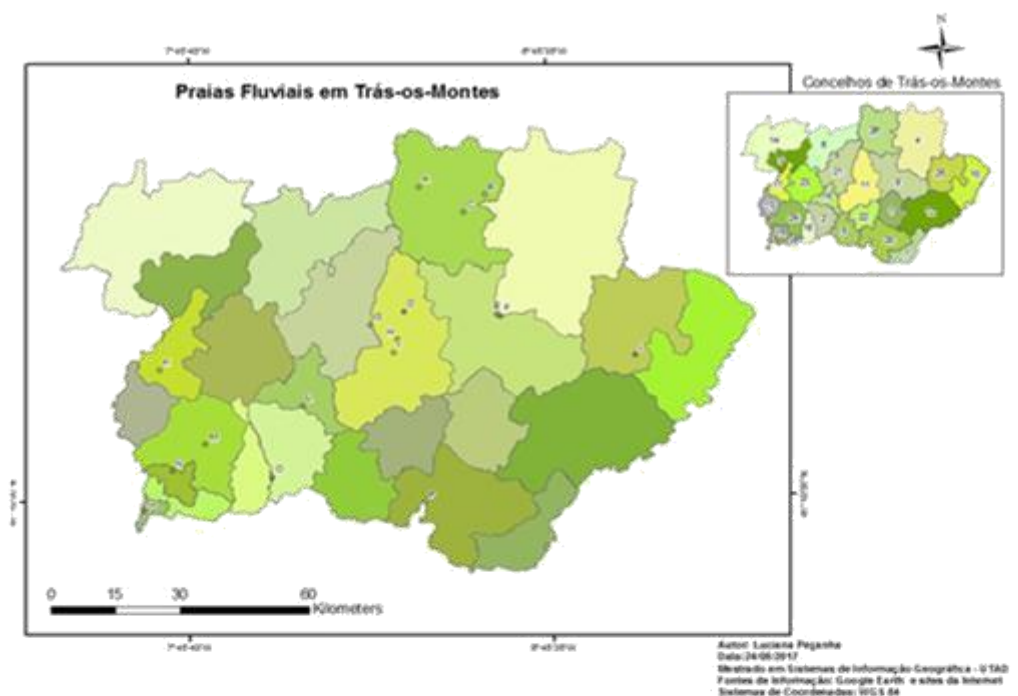
Em Trás-os-Montes não há praias oceânicas, mas há rios. As praias que existem, são praias fluviais derivadas dos rios que existem na região.

Na região, há duas praias que possuem a Bandeira Azul. São elas: As praias de Azibo (Já possuía o símbolo há mais de seis anos) e da Congida no Douro Internacional. Bandeira Azul, é o símbolo que tem como critérios como a "informação e educação ambiental", "qualidade da água", "gestão ambiental e equipamentos" e "segurança e serviços". A praia do Azibo é uma das praias mais prestigiadas da Europa.

As praias fluviais estão ganhando cada vez mais banhistas, por serem mais calmas e sempre localizadas em um cenário paradisíaco. A maioria das praias fluviais está localizada no interior do país. É um bom lugar para relaxar em família ou sozinho.

Baseando-se nas praias fluviais encontradas durante o levantamento feito na região, as mesmas foram georreferenciadas e mapeadas. Esse mapeamento serve para mostrar a quantidade e o nível do potencial turístico da região em termos de “Sol e praia” nas praias fluviais.

Esses locais foram georreferenciados e mapeados em um ambiente de Sistemas de Informação Geográfica (SIG).



Legend

CONCELHOS_TM

LEGENDA

1 - ALFÂNDEGA DA FÉ	17 - RIBEIRA DE PENA	26 - VINHAIS
10 - MIRANDA DO DOURO	18 - SABROSA	3 - BOTICAS
11 - MIRANDELA	19 - SANTA MARTA DE PENAGUIÃO	4 - BRAGANÇA
12 - MOGADOURO	2 - ALIJÓ	5 - CARRAZEDA DE ANSIÃES
13 - MÓNDIM DE BASTO	20 - TORRE DE MONCORVO	6 - CHAVES
14 - MONTALEGRE	21 - VALPAÇOS	7 - FREIXO DE ESPADA À CINTA
15 - MURÇA	22 - VILA FLOR	8 - MACEDO DE CAVALEIROS
16 - PESO DA RÉGUA	23 - VILA POUCA DE AGUIAR	9 - MESÃO FRIO
	24 - VILA REAL	
	25 - VIMIOSO	

LEGENDA

A - Praia Fluvial Rabacal	L - Praia Fluvial de Murça-Rebelos
B - Praia Fluvial Ponte Soeira	M - Praia Fluvial Rio Corgo
C - Praia Fluvial Ponte de Arranca	N - Praia Fluvial Fornos
D - Praia Fluvial de Quintas	O - Praia Fluvial do Passadouro
E - Praia de Azibo	P - Praia Fluvial Foz Rio Sabor
F - Praia Fluvial Fraga da Pegada	Q - Praia Fluvial do Rio Teixeira
G - Praia Fluvial de Miradese	R - Praia Fluvial da Congida
H - Praia Fluvial de Vale de Juncal	
I - Praia Fluvial 3 Rios Maravilha	
J - Praia Fluvial de Uva	
K - Praia Fluvial de Cerva	

Figura13: Praia Fluviais em Trás-os-Montes

5.1.6 Turismo Cultural em Trás-os-Montes:

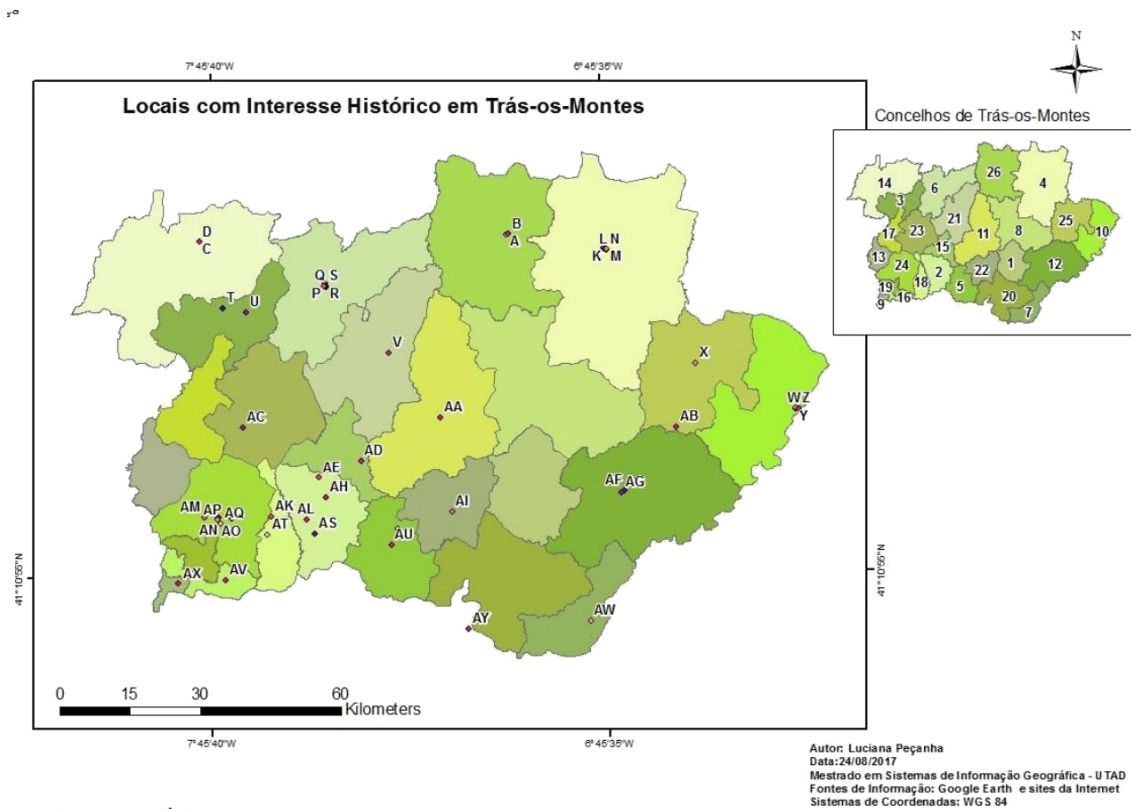
A região de Trás-os-Montes respira cultura, tradição e história. Preserva a identidade e cultura de um povo. E tem muito a oferecer, ao turista, em termos de Turismo Cultural.

“O turismo cultural caracteriza-se pela motivação do turista em conhecer e vivenciar lugares onde o seu alicerce está baseado na história de uma determinada sociedade o turista é cada vez mais motivado a consumir essas singularidades culturais que se encontram no património de uma cidade, vila ou aldeia” (Marujo, 2014).

O desenvolvimento da cultura no turismo traz melhorias locais e é capaz de despertar em sua população o sentimento de valorização da cultura. Como aborda o MTur (2008:16), sobre as duas classes de benefícios: “o primeiro é a existência de pessoas motivadas em conhecer culturas diversas e o segundo é a possibilidade do turismo servir como instrumento de valorização da identidade cultural, da preservação e conservação do património e da promoção econômica de bens culturais”.

Baseando-se na história cultural da região, foi feito um levantamento dos locais de interesse, que retratam e guardam a sua história. Esse mapeamento serve para mostrar a quantidade e o nível de potencial turístico da região em termos de cultura e história.

Esses locais foram georeferenciados e mapeados em um ambiente de Sistemas de Informação Geográfica (SIG).



CONCELHOS DE TRÁS-OS-MONTES

LEGENDA

1 - ALFÂNDEGA DA FÉ	17 - RIBEIRA DE PENA	25 - VIMIOSO
10 - MIRANDA DO DOURO	18 - SABROSA	26 - VINHAIS
11 - MIRANDELA	19 - SANTA MARTA DE PENAGUIÃO	3 - BOTICAS
12 - MOGADOURO	2 - ALIJÓ	4 - BRAGANÇA
13 - MONDIM DE BASTO	20 - TORRE DE MONCORVO	5 - CARRAZEDA DE ANSIÃES
14 - MONTALEGRE	21 - VALPAÇOS	6 - CHAVES
15 - MURÇA	22 - VILA FLOR	7 - FREIXO DE ESPADA À CINTA
16 - PESO DARÉGUIA	23 - VILA POUCADA AGUIAR	8 - MACEDO DE CAVALEIROS
	24 - VILA REAL	9 - MESÃO FRIO

Locais com Interesse Histórico

A - Centro Cultural dos Condes de Vinhais
AA - Museu Municipal Armindo Teixeira Lopes
AB - Castelo de Algosó
AC - Castelo de Pena de Aguiar
AD - Castro de Palheiros
AE - Castro do Populo
AF - Casa das Artes
AG - Castelo de Mogadouro
AH - Anta da Fonte Coberta
AI - Largo da Fonte Romana
AJ - Casa Mateus
AK - Mamoa de Madorras
AL - Fundação Casa - Museu Maurício Penha
AM - Torre de Quintela
AN - Museu de Arqueologia e Numismática
AO - Casa Diogo Cao
AP - Museu da Vila Velha

AQ - Museu de Geologia da UTAD
AR - Anta de Zedes
AS - Núcleo Museológico Favaio, Pão e Vinho
AT - Espaço Miguel Tonga
AU - Castelo de Ansiães
AV - Solar Casa Grande
AW - Castelo de Freixo de espada a Cinta
AX - Quinta do Cotto
AY - Sítios de Arte Rupestre do Vale do Côa
B - Castelo de Vinhais
C - Castelo de Montalegre
D - Ecomuseu Barroso
E - Casa do Arco-Solar dos Pimenteais
F - Solar dos Veiga Cabral
G - Museu do Abade de Bacal
H - Centro de Ciência Viva de Bragança
I - Museu Militar de Bragança

J - Solar dos Teixeiras
K - Museu Iberico da Mascar e do Traje
L - Pelourinho de Bragança
M - Domus Municipais de Bragança
N - Castelo de Bragança
O - Museu Ferroviário de Chaves
P - Museu da Região Flaviense
Q - Museu Nadir Afonso
R - Ponte de Trajano
S - Castelo de Chaves
T - Castelo de Carvalhinhos
U - Museu Rural de Boticas
V - Centro Cultural Luís Teixeira
W - Ruínas do Paço Episcopal
X - Casa da Cultura de Vimioso
Y - Museu da Terra de Miranda
Z - Douro Pula Canhada

Figura 14: Locais de Interesse Turístico em Trás-os-Montes

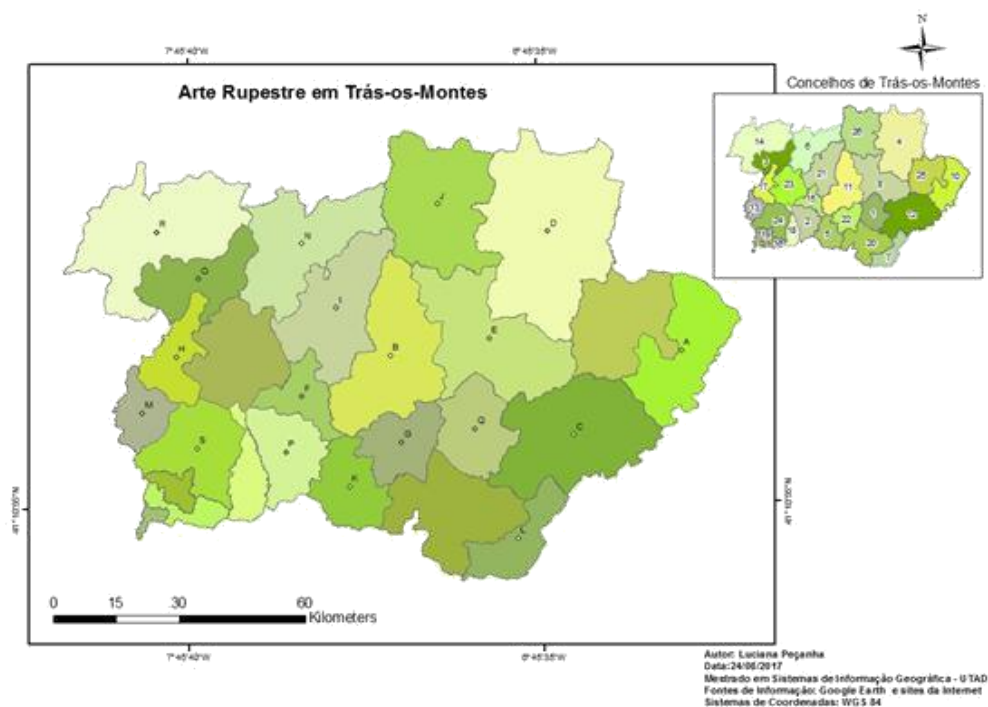
5.1.7 Turismo Arqueológico em Arte Rupestre:

Denominam-se Atrativos Arqueoturísticos “a matéria-prima” que compõe o Arqueoturismo sendo estes formados a partir dos Vestígios Arqueológicos remanescentes de períodos Pré-Históricos e/ou Históricos (Boullón, 1997). Estes vestígios constituem o patrimônio de uma localidade e são definidos como “todos os indícios da presença ou atividade humana” das antigas sociedades (Prous, 1992).

A região de Trás-os-Montes, é uma rota para o turista interessado em fazer o arqueoturismo, pois há muitos registros de Arte Rupestre, em diversos concelhos. Além da Arte Rupestre espalhadas nos concelhos transmontanos, há também o sítio de arte rupestre do Vale do Coa – Parque Arqueológico do Vale do Côa, que fica no município Vila Nova do Foz Côa. Este não pertence a região de Trás-os-Montes, mas o concelho de Torre de Moncorvo que pertence a Trás-os-Montes, participa no investimento e atividades em prol do Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Baseando-se no levantamento os registros de Arte rupestre nos concelhos da região, as mesmas foram georeferenciadas e mapeadas. Esse mapeamento serve para mostrar o desenvolvimento do potencial arqueoturismo na região de Trás-os-Montes.

Esses locais foram georeferenciados e mapeados em um ambiente de Sistemas de Informação Geográfica (SIG).



Legend

CONCELHOS_TM

LEGENDA

1 - ALFÂNDEGA DA FÉ	17 - RIBEIRA DE PENA	26 - VINHAIS
10 - MIRANDA DO DOURO	18 - SABROSA	3 - BÓTICAS
11 - MIRANDELA	19 - SANTA MARTA DE PENAGUIÃO	4 - BRAGANÇA
12 - MOGADOURO	2 - ALIJÓ	5 - CARRAZEDA DE ANSIÃES
13 - MONDIM DE BASTO	20 - TORRE DE MONCORVO	6 - CHAVES
14 - MONTALEGRE	21 - VALPAÇOS	7 - FREIXO DE ESPADA À CINTA
15 - MURÇA	22 - VILA FLOR	8 - MACEDO DE CAVALEIROS
16 - PESO DA REGUA	23 - VILA POUCA DE AGUIAR	9 - MESÃO FRIO
	24 - VILA REAL	
	25 - VIMIOSO	

LEGENDA

- A - Abrigo Rupestre da Solhapa, Fraga do Puio
- B - Abrigos Rupestres do Regato das Boucas
- C - Arte Rupestre Movei, Fraga da Letra, Fraga de Moura
- D - Auroques - Gravuras de Sampaio, Fraga Escrevida, Gravuras de Passadouro, Fraga da Senhora
- E - Cabeco da Anta, Fraga da Pegada
- F - Castelo dos Mouros
- G - Cova da Moura em Assares, Insculpturas rupestres do Salgueiro em Benlhevai, rochedo com esculturas em Freixiel e as fragas da Pena do Corvo, com raposa esculpida, em Vale Frechoso
- I - Estacao Rupestre de Lampaca, Santuario Rupestre de Argeriz, Lagares Rupestres
- J - Fraga do Marcao, Fraga do Espelho
- K - Fraga Pintada do Cachao da Rapa, Gravuras da Fonte de Seixas, Gravura Fraga da Aborracreira
- L - Gravura Rupestre do Mazouco, Fraga do Gato
- M - Gravuras da Fraguinha, Estacao Rupestre de Campelo
- N - Outeiro do Salto, Outeiro Machado
- O - Outeiro Gordo, Souto Escuro, Alto da Seara, Gravuras do Lesenho
- P - Pala Pinta, Rocha do Chao do Nabal, Feixe 1/2/3, Gravuras da Botelhinha, Anta da Fonte Coberta e Alabarda
- Q - Pedra Escrita de Redevides, Fraga das Ferraduras
- R - Pegada da Burrinha Nossa Senhora, Penedo de Caparinho, Altar de Penascrita
- S - Santuario de Panoias, Gravuras da Botelhinha, Fraga Alta, Mao do Homem

Figura 15: Arte Rupestre em Trás-os-Montes.

5.1.8 -Turismo na Terra Quente e Terra Fria

Em função do clima na região de Trás-os-Montes a região de Trás-os-Montes conhecida como Terra Quente e Terra Fria.

O turismo na terra quente, engloba passeios culturais e na natureza. Na terra quente, é onde se encontra, a paisagem protegida da Albufeira do Azibo, os SIC, a Rede Natura 2000, Rio Sabor, Morais, Romeu.

O turismo na terra fria engloba, além dos monumentos e museus, Douro Internacinal, visitas aos parques (pois é nessa região que se encontram as zonas ecológicas), trilhos pedestres, escaladas, canoagens e passeios de burro, entre outras atividades, como festivais, que ocorrem de acordo com as estações do ano.

A região terra quente e terra fria são divididas por concelhos. Baseando-se nisso, foram georreferenciados e mapeados a quantidade de concelhos em cada “Terra”. E também a sua área por hectares.

Esses locais foram georeferenciados e mapeados em um ambiente de Sistemas de Informação Geográfica (SIG).

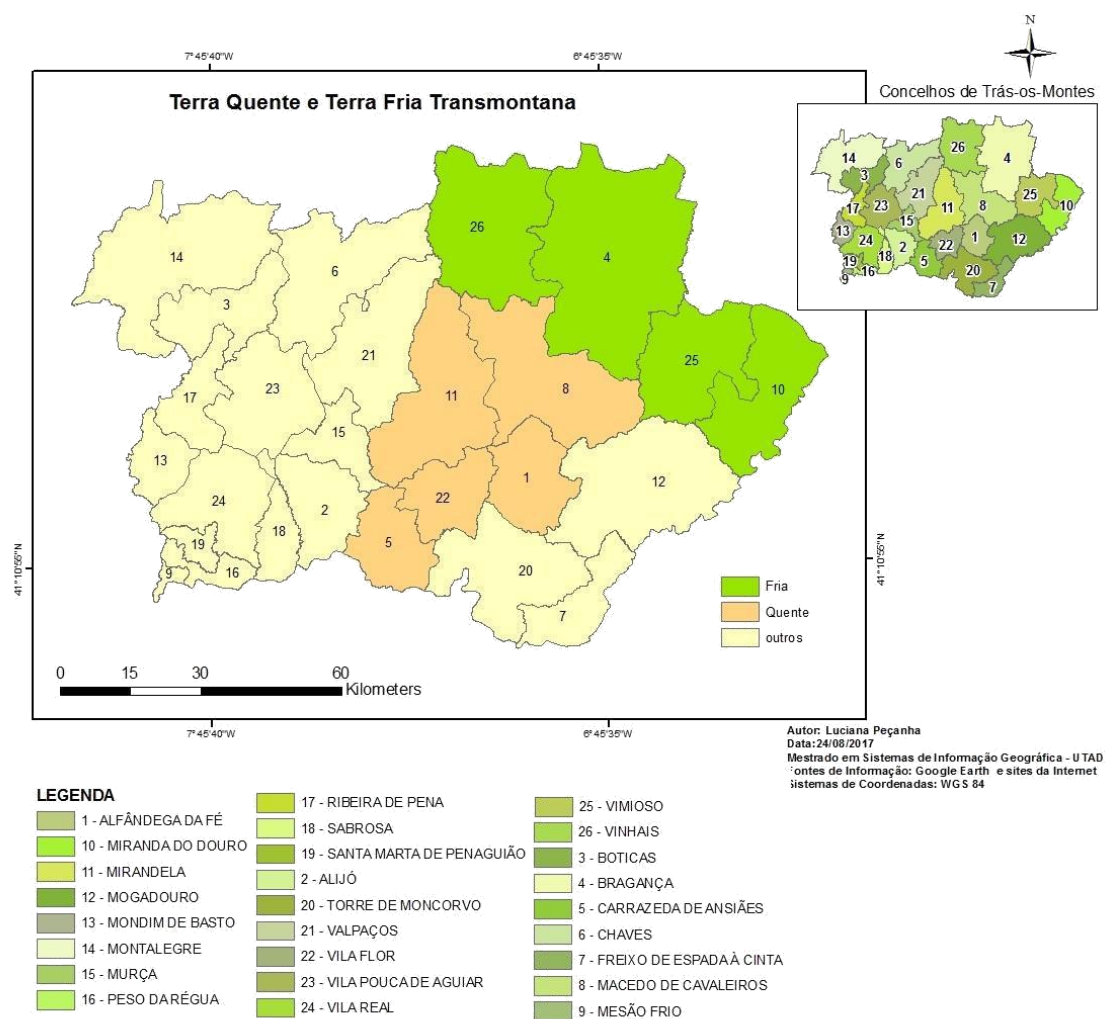


Figura 16: Terra quente e terra fria em Trás-os-Montes

Tabela 4: Divisão de terras em Trás-os-Montes

Terra	Concelhos	Area_HA
Fria	4	283709.2
Quente	5	222509.6
Outros	17	584382

5.1.9 - Turismo em Centro Interpretativo:

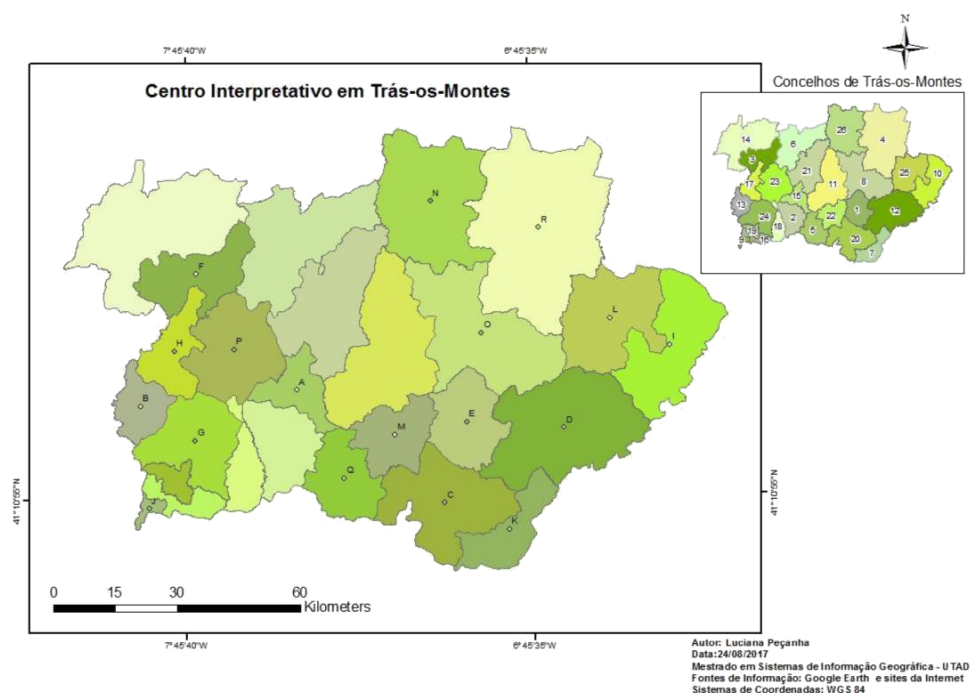
“A humanidade tem vindo progressivamente a tomar maior consciência da unidade dos valores humanos e a considerar os monumentos antigos como uma herança comum, assumindo coletivamente a responsabilidade da sua salvaguarda para as gerações futuras e aspirando a transmiti-los com toda a sua riqueza e autenticidade” (Carta de Veneza, 1964).

Há muitos Centros Interpretativos na região de Trás-os-Montes. Esses Centros servem para mostrar e explicar aos visitantes a obra e história da qual aquele centro é responsável naquela região.

Por exemplo: Antes de ir ao Parque do Alvão, é recomendado ir ao Centro Interpretativo antes para entender melhor a área protegida. Assim como, ao Centro Interpretativo do Jardim Botânico da UTAD para compreender a sua biodiversidade, fauna.

Baseando-se no levantamento dos Centros Interpretativos da região, os mesmos foram georreferenciados e mapeados. Esse mapeamento serve para mostrar ao visitante o apoio que há, nas informações de um lugar turístico, caso necessite.

Esses locais foram georreferenciados e mapeados em um ambiente de Sistemas de Informação Geográfica (SIG).



Legend

CONCELHOS_TM

LEGENDA

1 - ALFÂNDEGA DA FÉ	17 - RIBEIRA DE PENA	26 - VINHAIS
10 - MIRANDA DO DOURO	18 - SABROSA	3 - BOTICAS
11 - MIRANDELA	19 - SANTA MARTA DE PENAGUIÃO	4 - BRAGANÇA
12 - MOGADOURO	2 - ALIJÓ	5 - CARRAZEDA DE ANSIÃES
13 - MONDIM DE BASTO	20 - TORRE DE MONCORVO	6 - CHAVES
14 - MONTALEGRE	21 - VALPAÇOS	7 - FREIXO DE ESPADA À CINTA
15 - MURÇA	22 - VILA FLOR	8 - MACEDO DE CAVALEIROS
16 - PESO DA RÉGUA	23 - VILA POUCA DE AGUIAR	9 - MESÃO FRIO
	24 - VILA REAL	
	25 - VIMIOSO	

legenda_c

- A - Centro Interpretativo do Castro de Palheiros
- B - Centro de Informação e Interpretação do Parque Natural do Alvão
- C - Centro de Interpretação Ambiental e Recuperação Animal - CIARA
- D - Centro de Interpretação do Mundo Rural
- E - Centro de Interpretação do Território - Sambade
- F - Centro de Interpretativo Arqueológico do Vale do Terva
- G - Centro Interpretativo Jardim Botânico UTAD, Centro de Informação e Interpretação do Parque do Alvão
- H - Centro Interpretativo Museu do Linho, Centro de Interpretação Ecomuseu
- I - Centro Interpretativo Turístico e Ambiental de Miranda do Douro
- J - Centro Interpretativo Castro de Cidadelhe
- K - Centro Interpretativo da Calçada de Alpajares, Centro Interpretativo de Arte Rupestre
- L - Centro Interpretativo das Minas de Argozelo
- M - Centro Interpretativo de Cabeço da Mina
- N - Centro Interpretativo do Porco e do Fumeiro, Centro Interpretativo dos Rios, Centro Interpretativo da Raza Autoctones, Centro Interpretativo da Gruta de Dine, Centro Interpretativo da Natureza
- O - Centro Interpretativo do Real Filatário, Centro Interpretativo de Santa Cominha
- P - Centro Interpretativo de Três Minas
- Q - Centro Interpretativo do Castelo de Ansiães
- R - Centro Interpretativo Sefardita

Figura 17: Centro Interpretativos em Trás-os-Montes

5.1.10 Parques de Campismo em Trás-os-Montes:

A essência do campismo é a comunhão com a natureza.

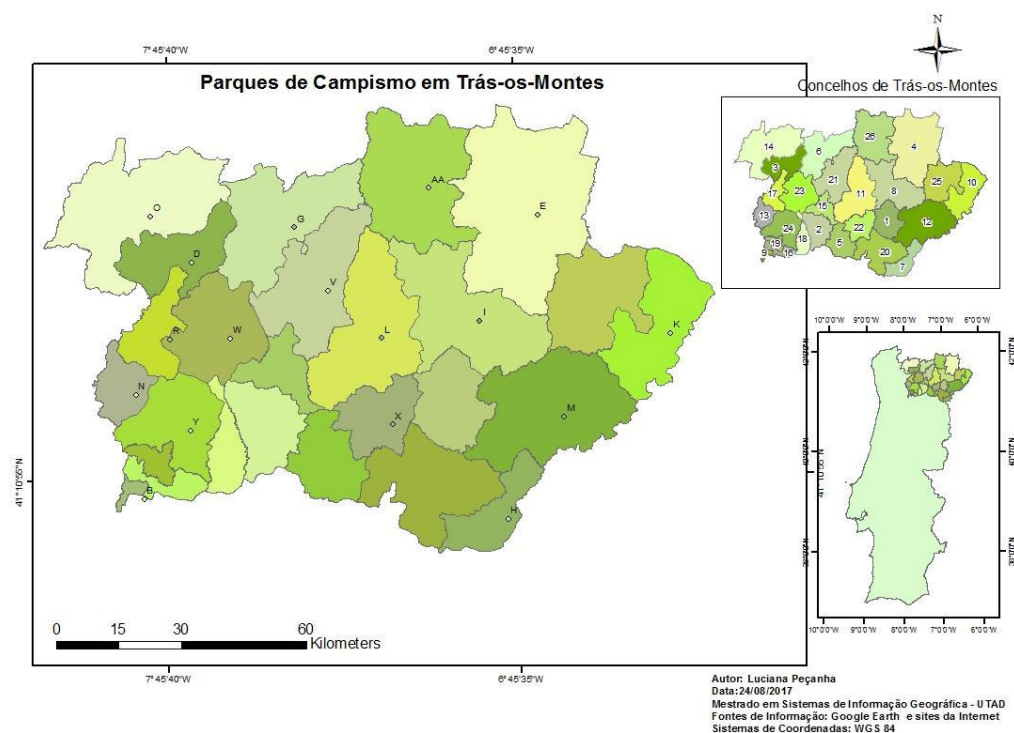
A região de Trás-os-Montes, possui muitos hotéis e pensões, mas também oferece a opção de se hospedar nos parques de campismo.

Existem muitos parques de campismo na região. Para quem gosta de ficar em contato com a natureza, ficar em parque de campismo é uma boa opção, além de baixo custo. Além do parque de campismo, há uma outra opção também, que é o parque das caravanas, como existe em Freixo de Espada à Cinta.

No parque de campismo, o objetivo é o turista acampar por um curto tempo, e o parque tem que oferecer as mínimas condições necessárias para a hospedagem,

Em todos os parques de campismo, existem regras que precisam ser cumpridas e respeitadas. E algumas regras variam de país para país.

Em Vila Real, o parque de Campismo, fica na cidade, próximo ao parque Corgo e o Parque Florestal. Possui uma área de 12.000 m². O parque está preparado para receber autocaravanas, caravanas e tendas.



Legend

CONCELHOS_TM

LEGENDA

1 - ALFÂNDEGA DA FÉ	17 - RIBEIRA DE PENA	26 - VINHAIS
10 - MIRANDA DO DOURO	18 - SABROSA	3 - BOTICAS
11 - MIRANDELA	19 - SANTA MARTA DE PENAGUIÃO	4 - BRAGANÇA
12 - MOGADOURO	2 - ALIJÓ	5 - CARRAZEDA DE ANSIÃES
13 - MONDIM DE BASTO	20 - TORRE DE MONCORVO	6 - CHAVES
14 - MONTALEGRE	21 - VALPAÇOS	7 - FREIXO DE ESPADA À CINTA
15 - MURÇA	22 - VILA FLOR	8 - MACEDO DE CAVALEIROS
16 - PESO DA RÉGUA	23 - VILA POUCA DE AGUIAR	9 - MESÃO FRIO
	24 - VILA REAL	
	25 - VIMIOSO	

legenda

AA - Parque de Campismo Biológico Vinhais
D - Parque Campismo Virgílio Antonio de Miranda
E - Parque Campismo Cepo Verde
Parque Campismo Rio Sabor
G - Parque Campismo Quinta do Rebentao
H - Parque Campismo de Autocaravanas
I - EcoPark Azibo
K - Parque Campismo Douro Camping
L - Parque Campismo 3 Rios Maravilha
M - Parque Campismo Quinta da Azeira
N - Parque Campismo Mondim Basto
O - Parque Campismo Penedones Aquabarroso
R - Parque Campismo Bagadas
V - Parque Campismo Rabacal
W - Parque Campismo Alvao Village Camping
X - Parque Campismo Vila Flor
Y - Parque Campismo Vila Real

Figura18-Parques de Campismo

5.2 – Roteiro de visita a Trás-os-Montes.

Baseando nos mapas temáticos, que mostram as áreas para desenvolvimento turístico na região de Trás-os-Montes, foi escolhido o tema de Recursos Naturais para demonstrar o roteiro turístico de Vila Real às Físgas de Ermelo. As Físgas de Ermelo, ficam no concelho de Mondim de Basto, que pertence ao distrito de Vila Real. Segundo, os residentes do concelho, o nome Ermelo é por causa da aldeia e Físgas, segundo eles, o rio se enfísgas, logo a designação Físgas de Ermelo.

O turista que deseja visitar a região de Trás-os-Montes, com o objetivo de fazer turismo em recursos naturais, a primeira paragem para o início do turismo, ou seja, o ponto de entrada é a cidade de Vila Real. No concelho de Mondim de Basto, é onde se localiza, a famosa Cascata das Físgas de Ermelo. As Físgas é uma das maiores quedas de água de Portugal e uma das maiores da Europa. Além da beleza das Físgas, o percurso até chegar as Físgas é paradisíaco e de tirar o fôlego. Durante o percurso pode ir apreciando as belezas que existem no Parque do Alvão e que rodeiam as Físgas. Quando vai se aproximando, ouve-se o rugido das águas, e de repente vê-se a linda cascata. Durante o percurso da queda da água, as águas vão se escondendo entre as rochas e depois reaparecem. É uma grande beleza natural em Trás-os-Montes.

A rota abaixo inicia-se na em Vila Real até o concelho de Mondim de Basto, onde se localiza as Físgas de Ermelo.

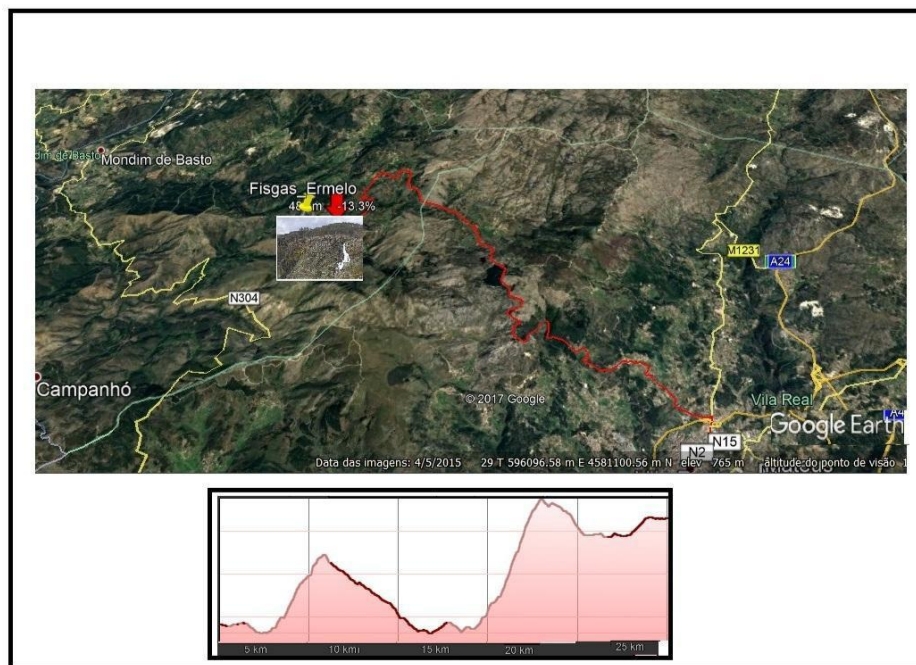


Figura 19 – Vector percurso, variação do declive e imagem produzida sobre o Google Earth.

Total do percurso pedestre de Vila Real até as Físgas é de 24km.

Grau de Dificuldade, em função do declive do terreno:

5km–Grau de Dificuldade Baixo . Recomendado para qualquer pessoa.

10km – Grau de dificuldade moderada – precisa ir devagar

20km – Grau de Dificuldade alto

25km – Grau de Dificuldade alto

O roteiro apresentado leva em consideração o percurso pedestre.

O percurso também pode ser feito de carro até a aldeia de Varzigueto, e iniciar o trilho a partir da aldeia

Fazendo o passeio de carro, percorre o parque do Alvão e vai passando por muitos lugares de paisagens belíssimas. Entra-se em Lamas D'Olo, onde há o Rio Olo, rio este, que já foi matéria no “National Geographic”, por suas águas cristalinas e animais de aspectos diferenciados. É possível também passar pelo Rio Poio, esse rio tem uma pequena barragem, e no verão costuma se fazer caminhadas de subida ao Rio. Chegando na aldeia de Varzigueto, é onde começa o caminho direto para as Fisgas. O percurso tem que ser pedestre até as Fisgas. Esse percurso tem a duração de 1 hora, mas possui muitos desníveis no caminho e o grau de dificuldade é moderado.

.

5.2.1 Visitar a cidade de Vila Real

Ao chegar na cidade de Vila Real, há vários locais para visitar e conhecer. É possível, em um dia, conhecer vários sítios, apenas caminhando pela cidade.

Pode se iniciar o passeio pelo centro histórico, experimentar um dos sabores típicos da cidade, que é covilhete, em seguida, visitar os museus, ir a igreja da Sé, passear pelo Jardim Botânico da cidade, que se localiza na universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e também visitar o Palácio de Mateus.

O percurso pedestre do centro de Vila Real até o jardim Botânico é de 1,6km.



Figura 20: Imagem do Google Earth e fotografia de Luciana Peçanha.

Na figura abaixo, pode se ver os vários sítios que podem ser visitados e também a pequena distância um do outro.

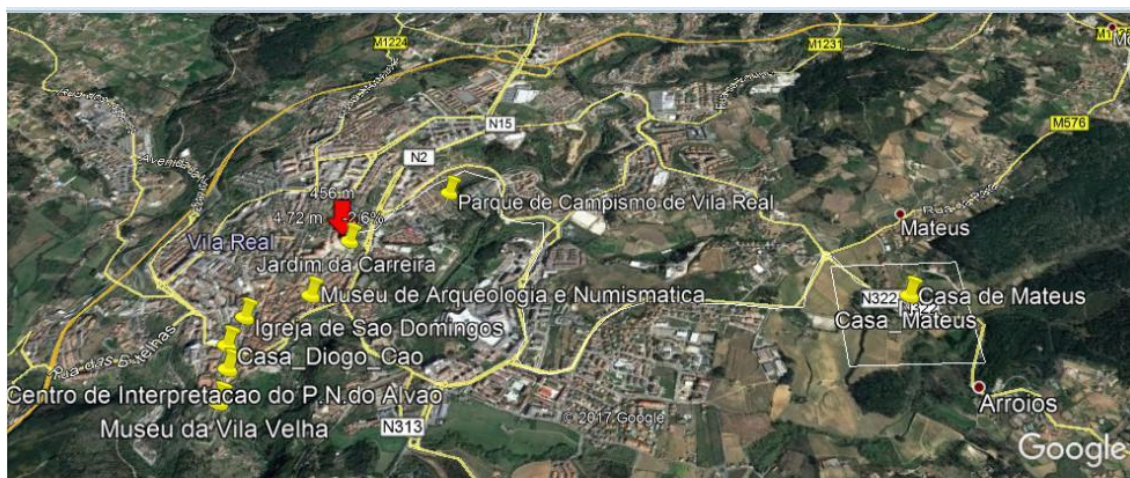


Figura 21 – Percurso e marcações sobre o Google Earth

5.2.3 Disponibilidade de Transporte na cidade de Vila Real

Autocarros – Os autocarros da cidade só circulam na cidade e em algumas aldeias que ficam no concelho. Não há autocarros durante toda a noite. Há outros autocarros de redes especializadas, que ligam a outras cidades e concelhos da região de Trás-os-Montes e do país.

Comboio – Não há mais comboios na cidade de Vila Real, somente no concelho de Peso da Régua.

Barcos – Não há na cidade de Vila Real, somente em Peso da Régua, pelo Rio Douro.

Táxi – Ficam mais concentrados no terminal rodoviário e na avenida histórica principal, a Av. Carvalho Araújo que liga o Edifício da Camara Municipal ao Edifício do Tribunal, no Centro da Cidade.

Avião – Há um aeródromo na cidade de Vila Real e de Bragança que fazem conexão com Lisboa e Faro.

Bicicletas- Em Vila Real não há ciclovias para fazer da bicicleta um meio de transporte ou lazer, mas a UTAD está a desenvolver um projeto nesse sentido, o U-Bike UTAD.

5.3 – Desenvolvimento da Estrutura do WebSIG- Sistema de Informação Geográfica para apoio ao Turismo em Trás-os-Montes

5.3.1 Objetivo

O objetivo é desenvolver a estrutura de um sistema em WebSIG de apoio ao Turismo na região de Trás-os-Montes. O sistema poderá ser acessado a partir de qualquer portátil, inclusive telemóvel (Smartphone). Para isso, iremos aqui definir a estrutura física e a arquitetura do WebSIG Trás-os-Montes. Não será abordado, o software a ser utilizado para o desenvolvimento do sistema, e sim, somente a arquitetura do sistema e interface para que possa ser implementado e desenvolvido futuramente com qualquer software que desejar.

O nome sugerido nessa fase do projeto para o WebSIG: “SIGAT-TM - Sistemas de Informação Geográfica de Apoio ao Turismo na região de Trás-os-Montes”.

5.3.2 – Enquadramento do Projeto

O SIGAT-TM é uma aplicação em WebSIG que tem por base um conjunto de informações geográficas, com o objetivo de unificar de forma temática todos os pontos turísticos na região de Trás-os-Montes, facilitando assim o acesso a um conjunto de informações de forma rápida e simples por parte dos turistas em visita a região .A aplicação está orientada para os postos de turismo e empresas de turismo que oferecem serviços de turismo na região.

A ferramenta possui interface simples e todos, mesmo os menos familiarizados com os SiGs, poderão manipular facilmente e assim, montar a sua rota e trajetos turísticos.

5.3.3 – Arquitetura do Sistema

A aplicação para o desenvolvimento desse WebSIG é baseada na arquitetura de três camadas, como se apresenta na Figura 19.

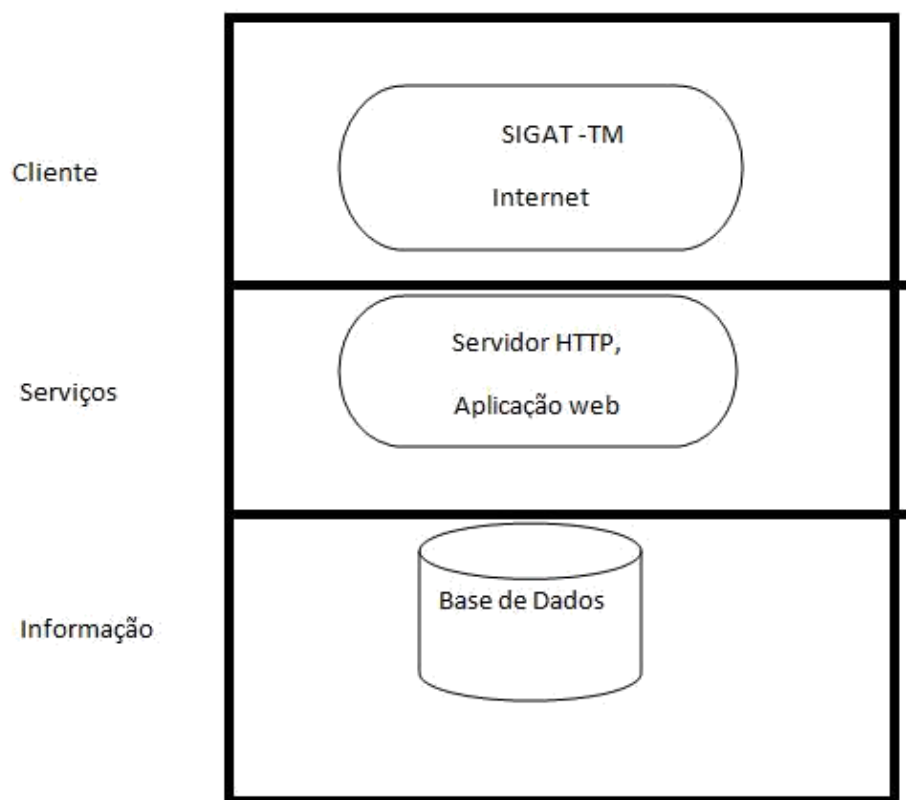


Figura 22Arquitetura do Sistema

Cliente: Utilizadores do SIGAT-TM acenderam o SIGAT, a partir de uma página da internet.

Serviços: A aplicação que está em um servidor será disponibilizada através de um servidor *Web*.

Base de Dados: O sistema armazena todos os dados referentes á aplicação.

5.3.4 Desenho da Interface Gráfica

A interface gráfica do SIGAT-TM é composta doze áreas distintas.

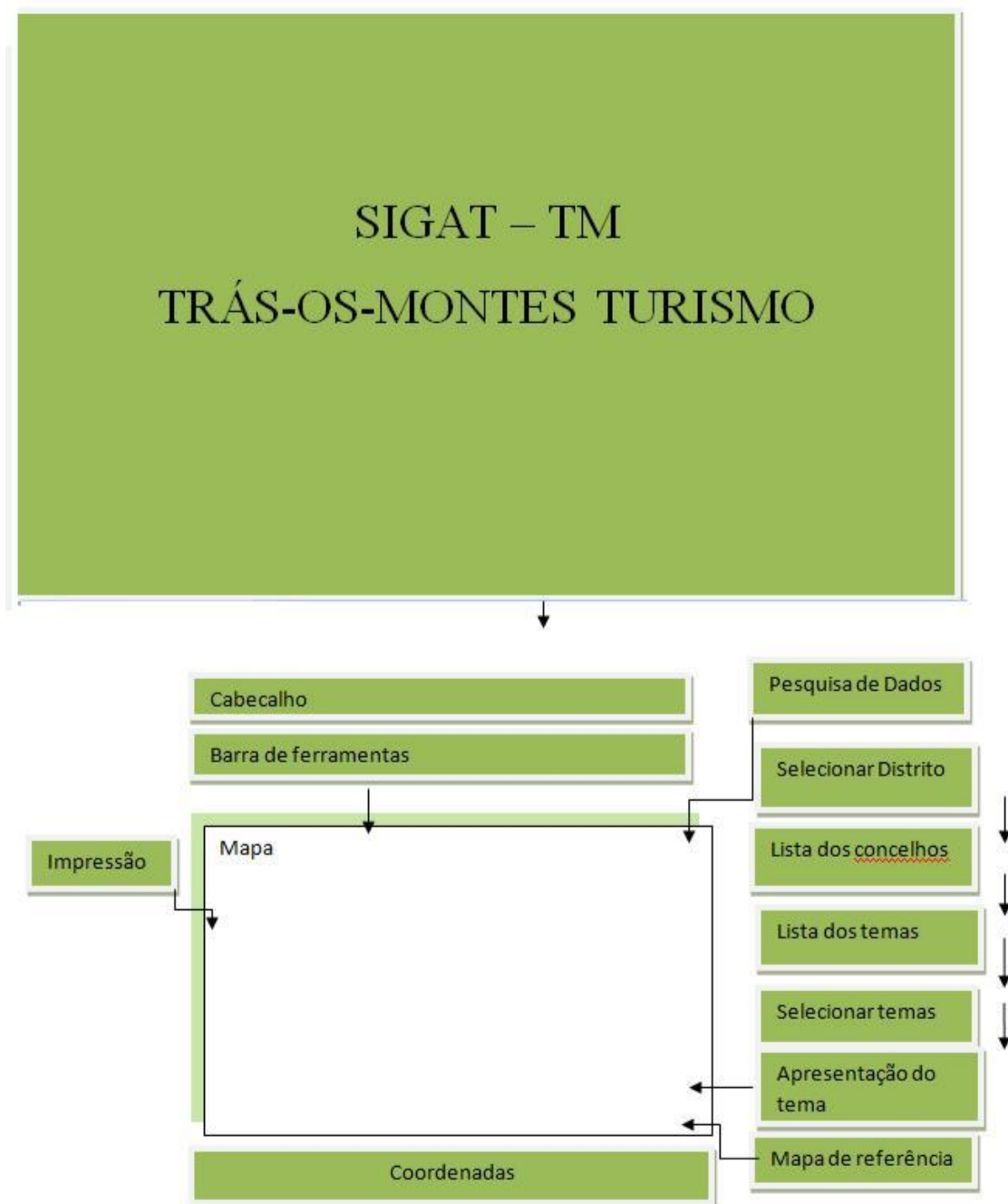


Figura 23: Interface do sistema.

Descrição de cada área individualmente:

Cabeçalho: É a parte superior da aplicação e identifica a aplicação.

Barra de ferramentas: É onde se encontra um conjunto de função que irão atuar no mapa principal.

Área de visualização do Mapa: É onde se visualiza o mapa e a informação selecionada.

Pesquisa de dados: é onde se inclui a informação a ser pesquisada e o resultado da pesquisa é mostrado na área de visualização do mapa.

Selecionar distritos: É a lista de distritos contidos na região de Trás-os-Montes

Selecionar concelhos: é a lista de concelhos referentes a cada distrito da região de Trás-os-Montes

Lista de temas: é um Listbox que contém todos os temas turísticos a se fazer na região. Exemplo: “Arqueoturismo”

Selecionar o tema: Depois de “listar os temas”, selecionar o tema do turismo pretendido e este será mostrado na área de visualização em mapa com todos os pontos turísticos na região referente ao tema escolhido.

Mapa de referência deverá sempre ser sincronizado com o mapa da área de visualização.

Impressão: Depois de selecionado o mapa temático ou a informação desejada, há a opção de impressão, sendo essa em formato A4. Na impressão terá o mapa: o roteiro, tempo de percurso e uma breve história do lugar escolhido.

Rodapé: Utilizado para informações complementares.

5.3.5 Informação disponibilizada:

Ortofotomapas: Serve de base para auxiliar a marcação de caminhos, percursos e localização.

Áreas Protegidas; Mapa com as áreas protegidas da região de Trás-os-Montes, baseando-se nas informações do ICNF.

Mapas-temáticos: Mapas organizados e disponibilizados por temas para facilitar e tornar mais intuitivo ao utilizador.

Capítulo XI Conclusão

O Objetivo dessa dissertação foi mostrar os recursos turísticos da região de Trás-os-Montes. Foram mapeados todos os seus recursos, com o objetivo de construir uma aplicação em WebSIG futuramente, disponibilizando assim toda a informação necessária e unificada para apoio ao turista na região. Esse trabalho tem o intuito de promover o desenvolvimento turístico em Trás-os-Montes.

Na realização desse trabalho, foram encontradas algumas dificuldades, principalmente na divisão do território de Trás-os-Montes, na bibliografia referente SIG aplicado ao turismo, e nas bibliografias somente sobre a região de Trás-os-Montes. Porém, foi possível com extrema pesquisa chegar ao resultado.

A escolha de usar o Google Earth nos auxiliou muito na questão do tempo, pois evitou de ir a campo para fazer o levantamento dos dados. Além de ser uma ferramenta muito eficiente e confiável, interage perfeitamente com o ArcGIS, software utilizado para a criação do projeto em Sistemas de Informação Geográfica.

Durante as pesquisas nos postos de Turismo e nos Centros Interpretativos, pude verificar que faltam muitas informações de locais turísticos existentes na região. Não estão todos contidos na lista para visita. Também verifiquei com pesquisas na internet que não há um portal, um local, onde a informação da região esteja unificada, a informação só existe por cada concelho. Cada concelho divulga os seus recursos turísticos e endógenos. Verifiquei também, em conversa com colegas da região que muitos não tem conhecimento dos recursos da região, muitos acham que o Jardim Botânico é no parque Florestal; Outros desconhecem que existem outras praias fluviais, além de Azibo; E que há arte rupestre em Alijó e não só em Panóias., etc...

E com essas informações, ou faltas de, é que desenvolvemos o trabalho. Fazendo o levantamento de toda a região- concelhos e seus recursos endógenos. Dividimos os recursos turísticos por temas e criamos um projeto em SIG com as informações turísticas já existentes e não existentes nos postos de turismo e centros interpretativos.

Para o turismo, um ponto negativo na região é o transporte, pois muitos lugares de grande atração turística, principalmente voltados para recursos naturais, ficam muito distantes dos centros, e quem não tem transporte particular, terá dificuldade para usufruir de alguns recursos. Verifiquei que no verão, alguns concelhos, como Macedo de Cavaleiros, disponibiliza autocarros até às praias, já que ficam longe do centro da cidade.

O investimento na infra-estrutura e no transporte, tornará a região mais acessível, receptiva e preparada para receber seus turistas.

A região, possuem grandes recursos turísticos e o investimento e a divulgação de todos os seus recursos, auxiliará muito no seu desenvolvimento. Principalmente os recursos

ainda desconhecidos pela maioria das pessoas, pois só iria somar no seu desenvolvimento, apostar nas novidades.

Para trabalho futuro é o objetivo implementar e desenvolver uma aplicação em WebSIG com todas as informações da região que foram mapeadas nesta dissertação, e que essa aplicação seja implementada nos postos de turismo da região.

A aplicação ficará a alcance de todos de forma rápida e fácil. Além da visualização dos mapas, deverá ser permitido pela aplicação, a escolha da rota, a aplicação deverá informar o grau de dificuldade e a distância do percurso. Após, o lugar escolhido, a aplicação, deverá mostrar uma breve história do lugar. Deverá permitir descarregar ficheiros e imprimir a rota com todas as informações selecionadas, em formato A4. A aplicação poderá ser acessada de qualquer portátil com facilidade e qualidade para a utilização.

A estratégia desse projeto é promover e valorizar os recursos e a região de Trás-os-Montes.

Referência Bibliográfica:

Portal Publituris, Turismo Mundial Cresce. Disponível em:

<(https://www.publituris.pt/2017/01/17/omt-turismo-mundial-cresce-39/)

Acesso em 10 Julho de 2017>

Portal Ajonour, Organização Mundial do Turismo. Disponível em

<(https://ajonu.org/2012/10/17/organizacao-mundial-do-turismo-omt). Acesso em 10 de

julho de 2017>.

Portal Dgterritório, CAOP. Disponível em

<(http://www.dgterritorio.pt/cartografia_e_geodesia/cartografia/carta_administrativa_oficial_de_portugal_caop/caop_em_vigor/>. Acesso em 10 de julho de 2017.

Portal Pordata. NUTS. Disponível em: <(https://www.pordata.pt/)>. Acesso em 12 de Julho de 2017>)

Portal Terras de Portugal, NUTS. Disponível em:<(

http://terrasdeportugal.wikidot.com/sub-regiao-douro). Acesso em 12 de julho de 2017>.

Portal Expresso, Economia. Disponível em <(http://expresso.sapo.pt/economia/2017-04-06-Turismo.-Portugal-e-o-14.-mais-competitivo-do-mundo). Acesso em 12 de julho de 2017.

Portal AlgoSobre , Disponível em : < (https://www.algosobre.com.br/geografia/o-turismo-como-atividade-economica-e-suas-diversas-formas.html). Acesso, 11/09/2017>

Portal Eco, Disponível em: < https://eco.pt/2017/05/31/omt-turismo-em-portugal-e-um-pilar-de-crescimento/). Acesso em 12 de setembro de 2017>

Portal Sustentavel Turismo, Disponível

em: http://www.sustentavelturismo.com/2011/04/o-que-e-turismo-sustentavel.html).

Acesso em 12 de setembro de 2017>

Portal DN, Disponível em :<http://www.dn.pt/dinheiro/interior/os-15-destinos-turisticos-mais-competitivos-do-mundo-portugal-sobe-um-lugar-5775479.html). Acesso em 12 de setembro de 2017>.

Portal SIC, Disponível em :<(http://sicnoticias.sapo.pt/economia/2017-08-08-Turismo-ja-representa-7-do-PIB). Acesso em 12 de setembro de 2017>

Portal Reino maravilhoso, Disponível em:

<(http://www.reinomaravilhoso.com/regiao/mapa/). Acesso em 13 de setembro de 2017>.

Potal labs, Turismo. Disponível em: <
<http://labs.mil.up.pt/blogs/berlinde/2016/01/19/o-turismo-que-move-mundos-e-fundos/>).
Acesso em 13 de setembro de 2017>.

Portal INPE, Trabalhos. Disponível em:
<<http://www.dpi.inpe.br/geopro/trabalhos/analise.pdf>). Acesso em 13 de setembro de 2017>

Portal DPI, Artigos. Disponível em < <http://www.dpi.ufv.br/~jugurta/papers/ti.pdf>).
Acesso em 13 de setembro de 2017>

Portal revista rcaap, disponível em
<<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1429/1124>). Acesso em 13 de setembro de 2017>

Portal Câmara de Alijó. Disponível em < <http://www.cm-alijo.pt/noticia/400>).
Acesso 15 de setembro de 2017>.

Portal ICNF, Turismo na Natureza. Disponível em
<<http://www.icnf.pt/portal/turnatur>). Acesso em 15 de setembro de 2017>

Portal Tourism and more, A importância do Turismo Religioso. Disponível em :
<<http://www.tourismandmore.com/tidbits/a-importancia-do-mercado-do-turismo-religioso/>). Acesso em 15 de setembro de 2017>

Portal Pastoral do Turismo, reconhecimento do Turismo religioso o PENT.
Disponível: <<http://www.pastoraldoturismo.pt/reconhecimento-do-turismo-religioso-no-pent/>). Acesso em 15 de setembro de 2017>

Portal Turismo Portugal. Disponível em
<<http://www.turismodeportugal.pt/Portugual>). Acesso em 15 de setembro de 2017.

Portal Agência Ecclesia. Turismo Religioso. Disponível em <
<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/turismo-religioso-e-produto-estrategico/>) Acesso em 15 de setembro de 2017.

Portal Bandeira Azul, Bandeira Azul nas praias Fluviais. Disponível em: <
<https://bandeiraazul.abae.pt/plataforma/index.php?p=criteria&s=beaches#section1>).
Acesso em 15 de setembro de 2017>.

Portal publituris, Turismo Cultural. Disponível em
<<https://www.publituris.pt/2015/06/05/todo-o-turismo-e-cultural/>). Acesso em 15 de setembro de 2017.>

Portal Mundo Educação, SIG. Disponível em: <
mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/sistema-informacoes-geograficas-sig.htm>. Acesso em 16 de setembro de 2017.

Portal Quilómetros que contam, Trás-os-Montes. Disponível em:<(<http://quilometrosquecontam.com/tras-os-montes-miguel-torga/>). Acesso em 16 de setembro de 2017.

Portal Clube dos Vinhos, Trás-os-montes. Disponível em :<(<https://www.clubedosvinhos.com.br/tras-os-montes-e-alto-douro-um-paraiso-vinicola-em-portugal/>) Acesso em 16 de setembro de 2017.

Portal Estudos Culturais. Disponível em <<http://estudosculturais.com/congressos/europe-nations/pdf/0167.pdf>) Acesso em 16 de setembro de 2017.

Portal Biblioteca Digital, Artigos. Disponível em: <(<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3647/1/Artigo%20Aveiro.pdf>). Acesso em 16 de setembro de 2017.

Portal Rota da Terra Fria, Terra Fria. Disponível em:<(<http://www.rotaterrafria.com>). Acesso em 17 de setembro de 2017.

Portal Praia de Portugal, Praias Fluviais. Disponível em <(<http://praiaportugal.com/praias-fluviais-em-portugal/>>. Acesso em 17 de setembro de 2017.

Portal Portugal Tours, Turismo gastronômico. Disponível em (<<http://www.portugaltours.com.pt/br/blog-viagens/20113/turismo-gastronomico.aspx>). Acesso em 17 de setembro de 2017.

Portal História da Arte. Arte Rupestre. Disponível <(<http://historia-da-arte.info/arte-na-pre-historia/arte-rupestre.html>). Acesso 17 de setembro de 2017.

Portal Mundo Educação, Arte Rupestre. Disponível em <(<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/artes/arte-rupestre.html>). Acesso em 17 de setembro de 2017.

Portal Montar Tenda, Campismo. Disponível em <(<http://montartenda.com/artigos/campismo-para-principiantes>). Acesso em 18 de setembro de 2017.

Portal Repositorio Utad, mestrado. Disponível em:<(https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/7518/1/msc_ltrferreira.pdf). Acesso em 19 de setembro de 2017.

Portal Biblioteca IPB Artigos. Disponível em: <(<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3647/1/Artigo%20Aveiro.pdf>)> 19 de setembro de 2017.

ARANHA, J. T., 2006. Sistemas de informação geográfica. Conceitos e aplicações. Série didática em publicação, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 75p.

Umbelino, J., 2005. A Geografia, o Turismo e o Ornamento do Território. Conferência proferida no âmbito do mestrado de Geografia do Desenvolvimento. Departamento de Geografia e Planeamento regional (DGPR). Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL-FCSH).

Calvário, R. M. (2010). Política de Desenvolvimento Rural na União Europeia: Agricultura, Ambiente e Território. Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Departamento de Ciências de Engenharia do Ambiente, Lisboa.

Carvalho, I. C., Batista, M. M., & Costa, C. M. (2010). As redes em turismo cultural: um olhar sobre a relação entre o turismo e a cultura. Revista Turismo & Desenvolvimento, 29-38.

Bonnici, A. M., 2005. Web GIS Software Comparison Framework. [online]. Disponível a partir de: http://www.webgisdev.com/webgis_framework.pdf [consultado a 17 de novembro de 2013]

Dias, F.A.S., 2010. Uma Aplicação WEBGIS para a Participação Pública no Âmbito do Projeto MARGOV. Tese (Mestrado). Universidade de Lisboa.

FURTADO, D. N., 2006. Serviço de visualização de informação geográfica na web. A publicação do Atlas de Portugal utilizando a especificação Web Map Service.

Umbelino, J., 2005. A Geografia, o Turismo e o Ornamento do Território. Conferência proferida no âmbito do mestrado de Geografia do Desenvolvimento. Departamento de Geografia e Planeamento regional (DGPR). Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL-FCSH).